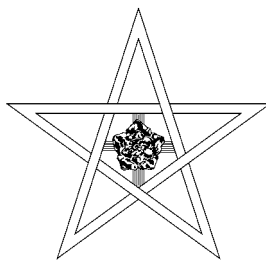




pentagrama

Lectorium Rosicrucianum

O novo corpo vital
Maria Madalena e a Luz
Revesti-vos do novo homem
Ressurreição na veste-de-luz
A Edda: a história da criação
Apolônio de Tiana

**Editor responsável**

A. H. v. d. Brul

Linha editorial

P. Huis

Redatores

C. Bode, A. Gerrits, H.P. Knevel, G.P. Olsthoorn,
A. Stokman-Griever, G. Uljée, I.W. van den Brul

Redação

Pentagram
Maartensdijkseweg 1
NL-3723 MC Bilthoven, Países Baixos
e-mail: pentagram.ln@planet.nl

Edição brasileira

Pentagrama Publicações
www.pentagrama.org.br

Administração, assinaturas e vendas

Pentagrama Publicações
C.Postal 39 13.240-000 Jarinu, SP
livros@pentagrama.org.br
assinaturas@pentagrama.org.br
Assinatura anual: R\$ 80,00
Número avulso: R\$ 16,00

Responsável pela Edição Brasileira

M.V. Mesquita de Sousa

Coordenação, tradução e revisão

J.C. de Lima, A.C. Pieranton, M.M. Rocha Leite,
S.P. Cachemaille, L.M. Tuacek, M.L.B. da Mota, L.A.
Nepomuceno, M.D.E. de Oliveira, M.B. Paula Timóteo,
M.R.M. Moraes, R.D. Luz, F. Luz

Diagramação, capa e interior

D.B. Santos Neves

Terceira capa

M. Jackson Neves

Lectorium Rosicrucianum**Sede no Brasil**

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo - SP
Tel. & FAX: (11) 3208-8682
www.rosacruzauarea.org.br
info@rosacruzauarea.org.br

Sede em Portugal

Travessa das Pedras Negras, 1, 1º, Lisboa
www.rosacruzlectorium.org
escola@rosacruzauarea.org

© Stichting Rozekruis Pers
Proibida qualquer reprodução sem
autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **Pentagrama** dirige a atenção de seus leitores para o desenvolvimento da humanidade nesta nova era que se inicia.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.

A revista **Pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

pentagrama

ano 33 número 5 2011

Encontrar a si mesmo, ser e permanecer autêntico e, conseqüentemente, fechar a porta para todos os "outros" que pudéssemos ser, seria essa então a finalidade da busca por nossa identidade? Essa foi a pergunta que fizeram os jovens alunos no decurso de uma conferência organizada para eles, na última primavera europeia. Nesta edição da revista **Pentagrama** damos uma visão desses dias. Para o buscador, o aprendizado do autoconhecimento implica em uma busca infinita pelos mistérios da vida.

Desde a aurora dos tempos essa busca não cessa de preocupar o homem, impelindo-o a abandonar os caminhos mais familiares em busca de novas respostas. O leitor encontrará nos artigos relatos de experiências vividas em épocas diferentes pelos buscadores da verdade universal. Possa ele reconhecer nesses testemunhos os elementos de sua própria busca.

"A maior de todas as lições é conhecer a si mesmo, pois quem conhece a si mesmo conhece Deus."

Clemente de Alexandria

sumário

estudo da natureza de nossa consciência:

o novo corpo vital

j. van rijckenborgh 2

a rosa no deserto 6

símbolos e visões de longo alcance

maria madalena e a luz 10

maria madalena, a alma do mundo

no homem 13

revesti vos do novo homem 18

ressurreição na veste de luz 23

edda: a história da criação 29

conferência em noverosa

identidade, personalidade e núcleo espiritual 35

resenha de livro:

o nuctemeron de apolônio de tiana,
as doze horas da libertação 39

a vida de apolônio de tiana, baseada
em artigo de fred a. pruyt 44

Capa: afresco no teto do Forte de Ahichatragarh, na vila de Nagaur, Rajasthan (Índia) no século XII, importante centro comercial da época. Um fascinante mural que expressa a alegria dos seres celestiais

O NOVO CORPO VITAL

J. van Rijckenborgh

Se quisermos formar uma imagem do novo veículo da alma renascida, que é edificado a partir do momento que a alma entra no nascimento da luz de Deus, devemos caminhar com cuidado. A quantidade de seus aspectos é tão grande que inúmeras explicações serão necessárias antes de conseguirmos fazer uma apresentação aceitável. Pela primeira vez na história da Escola Espiritual moderna somos autorizados a falar do novo veículo da alma renascida. Assim, esta apresentação deve ser considerada como um esquema preliminar, muito parcimonioso e incompleto, desse tema de extrema importância.

Sabemos que o corpo material possui o que chamamos de duplo etérico ou corpo etérico ou ainda corpo vital. O corpo etérico tem aproximadamente a mesma forma do corpo físico e também expressa o mesmo tipo. Pode-se dizer que o corpo etérico é a matriz do corpo físico. Por isso diz a Doutrina Universal: tudo começa no corpo etérico.

Quando algo novo deve ser edificado, deve-se sempre voltar a atenção para o veículo etérico. Se um homem fica doente, a causa reside sempre no corpo etérico. Por isso dizemos – e repetimos algo bem conhecido – que a recuperação da saúde deve começar no corpo etérico. Quando isso acontece, o restabelecimento do corpo físico segue-se automaticamente.

O corpo etérico ou vital é constituído principalmente dos quatro éteres conhecidos, que se sucedem em graus de densidade e vibra-

ção. Ele possui um sistema de linhas de força muito semelhante ao do sistema nervoso.

Podemos observar essa ampla estrutura nos desenhos que representam o sistema nervoso. O corpo vital assimila éteres, concentra-os e separa-os, de acordo com as várias funções necessárias, e então transfere o resultado para o corpo físico.

Pode-se dizer que o corpo físico respira éteres. E aí a pele executa uma função importante. Respiramos éteres, e também os assimilamos pela pele. Se a pele não funciona bem, não é possível uma assimilação adequada de éteres; e sem uma boa assimilação de éteres o corpo físico sofre e adocece.

No corpo há também portas de entrada muito especiais para os éteres, como o baço, por exemplo. Mas esses éteres são também absorvidos pelo corpo inteiro, em cada centímetro quadrado; mesmo as partes internas do corpo inspiram éteres, pois, como foi dito, o corpo etérico penetra o veículo físico inteiro.



J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri, fundadores da Escola Internacional da Rosacruz Áurea, descrevem e comentam para alunos e interessados o caminho que leva à libertação da alma com base em textos originais da Doutrina Universal, tais como o Corpus Hermeticum

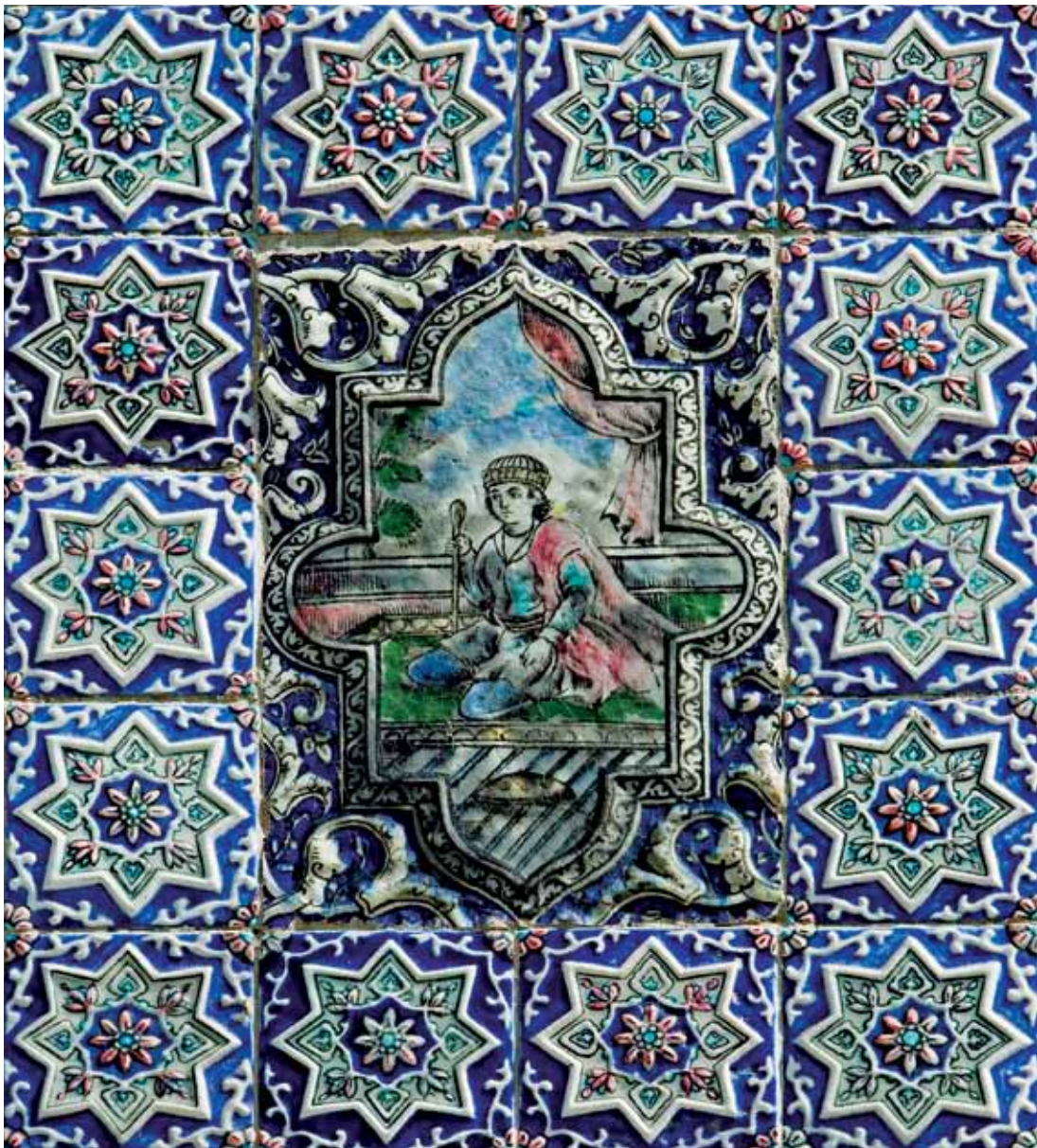


Imagem em cerâmica do século 17 em um muro exterior do Palácio de Golestan (Palácio das Flores) em Teerã, Irã



Paisagem campestre, Tom Maakestadt

A natureza, o estado biológico e o grau de cristalização do corpo material são determinados pelos éteres absorvidos. Toda a manifestação material, toda a personalidade humana, origina-se dos quatro éteres.

Os éteres são recebidos e mantidos em nosso campo magnético particular mediante nossa fonte magnética pessoal: o núcleo-alma magnético no quarto ventrículo cerebral. Podemos dizer que o estado de alma do homem determina, portanto, o estado de seu corpo etérico e que, conseqüentemente, o estado de seu corpo físico se manifesta de acordo com isso.

O renascimento da alma, que traz consigo uma transformação total do campo magnético particular, implica um novo campo de vida pessoal, portanto uma assimilação etérica totalmente nova.

Os corpos etérico e físico comuns são ambos fundamentalmente inaptos para essa nova assimilação. Portanto, a formação de um novo corpo etérico com um novo sistema de linhas de força é necessária: um corpo capaz de assimilar novos éteres, os quatro alimentos santos, de vibração bem diferente dos éteres comuns da natureza da morte. De fato, está fora de questão que os quatro alimentos santos penetrem em um corpo de estrutura comum.

Na pessoa que se encontra no processo de nascimento da nova alma, o corpo material – e seu duplo etérico – torna-se pouco a pouco mais sutil

Essa assimilação carrega um processo de desestruturação do antigo corpo etérico e do antigo corpo físico. Entretanto, após todas essas explicações, não achareis isso dramático? O corpo mortal no qual existimos não deve desaparecer de qualquer forma? Nossos dois veículos comuns, material e etérico, não estão condenados a desaparecer pela doença ou por outras causas de decadência?

No processo descrito, a causa dessa morte é bem diferente; ela leva à vida. Na pessoa que se encontra no processo de nascimento da nova alma, o corpo material – e seu duplo etérico – torna-se pouco a pouco mais sutil. Sua robustez diminui, o que não significa que ela deva demonstrar carências orgânicas ou doenças, mas todo seu estado se torna mais puro, mais sereno. Daí em diante, ela notará uma constituição mais sutil e, portanto, em certa medida, mais frágil, mas que poderá ser harmoniosamente mantida até o fim. Esse processo de desaparecimento, essa *endura*, não é absolutamente um estado doente, desgastante e doloroso.

A nova alma, nascida não da vontade do homem, mas de Deus, é de natureza hermafrodita. Ela é autocriadora. A partir do momento em que a radiação fundamental da Gnosis pode ser assimilada, uma divisão em sete aspectos se desenvolve: o Espírito Sétuplo santificador manifesta-se em nossa alma.

Uma luz muito poderosa emana um fogo irradiador comparável à cauda ardente de um cometa. Nesse raio ígneo, pode-se claramente determinar os sete aspectos: são os sete novos chacras do novo corpo vital. A nova alma está, a partir de então, pronta para uma existência autocriadora. Ela desenvolve por si mesma uma estrutura de linhas de força cujo aspecto central é a coluna ígnea de sete aspectos. Assim, da nova alma eleva-se um novo corpo etérico. Segue-se a manifestação de um novo veículo material que não é desta natureza, um veículo de construção sutil, de forma nobre.

Uma vez terminada essa construção – o desenvolvimento é relativamente rápido – o antigo ser pode, caso seja necessário, ser abandonado e levado ao túmulo: o novo ser ressuscita no templo-sepulcro que construiu para si. Assim, o renascido, graças a seu estado de alma e de personalidade, encontra-se, na qualidade de ressuscitado, no templo-sepulcro que edificou. E, como Cristão Rosa-Cruz, ele pode testemunhar, cheio de alegria: “Desse templo fiz para mim, em vida, um sepulcro”.

Mediante o autodeclínio segundo a natureza da morte, ele mesmo realizou o milagre do retorno à natureza divina ☸

Nota: o presente texto é anterior a 1968

a rosa no deserto

A Rosacruz Áurea fala de uma vida interior simbolizada de modo muito poético pela expressão “rosa dos mistérios”. A assim chamada rosa-do-coração, ou átomo original, ou ainda centelha-do-espírito, representa um segredo maravilhoso comparável a um espelho: o espelho dos mistérios. Trata-se de uma câmara de tesouro cheia de valores interiores muito valiosa que, em muitos casos, ainda não foi descoberta nem revelada. O buscador iniciante dificilmente pode avaliar sua amplitude espiritual.



São valores ocultos nas profundezas do microcosmo, no centro da morada em que somos habitantes temporários, mas sobre a qual, na realidade, quase nada sabemos. Esses valores pertencem ao ser “único”, chamado “mônada” pelos antigos gnósticos. É a centelha-do-espírito, o núcleo original de vida do microcosmo, que está ligado temporariamente a nós, homens efêmeros, por meio do coração. Os rosa-cruzes, em todas as épocas, indicaram esse centro especial como “rosa”. Guiados por esse pensamento, denominamo-nos e sentimos-nos rosa-cruzes, como buscadores que aspiram a um objetivo claro e bem definido na vida.

CONHECIMENTO REENCONTRADO Aceitamos a ideia de que existe uma voz interior que se reporta à nossa consciência. Os conceitos da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea nos atraem, assim como tudo o que eles implicam. Herdamos a convicção interior de que nós, homens materiais, fazemos parte de um microcosmo, ser invisível cuja influência sentimos no decorrer de nossa vida. Entretanto, seu princípio de vida é, para nós, extremamente inconcebível. Muito pouco conscientes a respeito de nós mesmos, somente nos realizamos por completo a partir do conhecimento adquirido através dos ensinamentos da Escola Espiritual e da Doutrina Universal manifestados por meio de um campo de força.

E, no entanto, esse conhecimento não nos é

estranho. Nós o reconhecemos interiormente e o aceitamos. Parece lógico, para nós, esse estado de criaturas materiais, mortais, que têm por detrás de seu plano de existência uma força superior.

A Doutrina Universal afirma que o microcosmo é o reflexo do macrocosmo: o que é pequeno é semelhante ao que é grande. Baseado nessa analogia, o próprio microcosmo é um sistema vital especialmente complexo, um planeta em miniatura. A sabedoria gnóstica secular esforça-se para esclarecer que o microcosmo, esse pequeno planeta, foi como que ejetado de sua trajetória. Ele não segue o caminho que lhe foi destinado: girar em volta do sol espiritual central. Ele desviou-se em uma espiral que está se distanciando cada vez mais desse sol.

UM SOPRO SOLAR DE SUBSTÂNCIA ORIGINAL Conforme ele se desvia, seu longo caminhar sem rumo vai se distanciando de seu verdadeiro destino: ele fica retido no mundo do “subir, brilhar, descer”, prisioneiro de uma forma de manifestação que está encerrada em si mesma.

No decorrer desse percurso, o microcosmo perdeu seu esplendor, sua glória original. Em seu firmamento já surgiram outras forças, como ervas daninhas em um jardim abandonado. O planeta microcósmico já não está em condição de funcionar de acordo com a ideia divina de onde ele proveio, ou seja, um conceito, um plano, que prevê uma elevação,

Muito antigo?

Muitos jovens têm o sentimento de já serem “velhos”. Eles sentem que não possuem a juventude indicada por sua idade, que sua origem é muito antiga. Tudo o que ouvem nas alocações ou atividades organizadas para eles na Rosacruz Áurea esses jovens já conhecem interiormente.

Então, dizemos a esses jovens: Está bem. Vocês foram crianças obedientes e bem tratadas. Mas o que vocês vão fazer, de agora em diante, com tudo o que foi dito e explicado? Vocês reconheceram a verdade. Essa verdade está chamando todos

vocês. Guardem tudo isso. Vivam como puderem, mas vivam, acima de tudo, como seres livres e felizes que sabem interiormente que existe outra dimensão completamente diferente desta vida comum na matéria – uma força que pode se derrear agora mesmo sobre vocês.

um avanço e o desdobramento dessa ideia no campo de criação original.

Nos antigos ensinamentos da sabedoria, fala-se das centelhas divinas originárias do campo de criação como sendo “a veste de Deus”, o sopro do Espírito. Esse alento, essa espiração divina, essa pulsação, como um sopro solar contínuo da substância original, atravessa o universo inteiro.

Sem essa pulsação nenhuma vida é possível. A vida é e continua sendo o reflexo dessa viva respiração divina. Portanto, a “Vida” sempre será o movimento original do Todo, a respiração divina do Espírito Sétuplo: os sete raios formadores constituíram o cosmo e continuam a exercer essa tarefa. Eles formam a respiração sétupla vital que anima e dá seu impulso à criação. Essas sete correntes originais estão constantemente conduzindo o Todo para que se cumpra o pensamento divino que flui infinitamente em toda a extensão da criação.

FRAGMENTOS DE LEMBRANÇAS Vamos agora tentar imaginar como tudo isso se conecta. O Espírito Sétuplo e a criação formam uma unidade. Não importa qual seja a distância que separa a criatura microcós mica da ideia original do Espírito universal, as sete correntes originais a conduzirão até o ponto de partida. Assim como a Terra faz parte do cosmo sétuplo, o microcosmo é um sistema sétuplo de sete esferas que giram umas dentro das outras. O princípio central também é sétuplo. São as

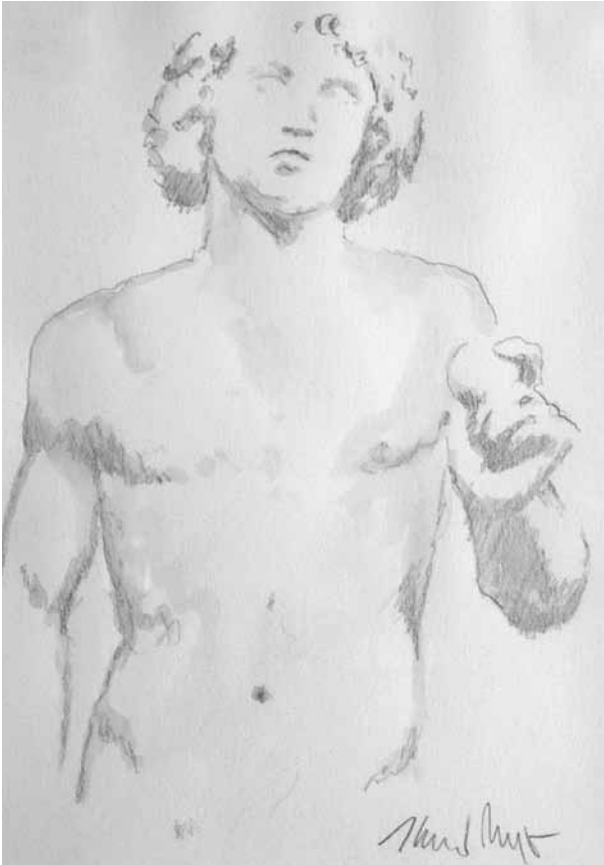
“sete pétalas da rosa”. O corpo espiritual sétuplo da Escola Espiritual guia e acompanha o conjunto desses microcosmos sétuplos rumo ao novo cosmo, que está infalivelmente voltado para o Espírito Santo sétuplo.

Se agora colocarmos diante de nosso espírito essa representação que a Escola Espiritual nos oferece a respeito da Gnosis, sentiremos um súbito sentimento de júbilo e encantamento em nosso coração. Afinal, a ideia de nosso passado divino e a de um futuro divino latente não são capazes de suscitar em nós ao mesmo tempo um profundo respeito e um intenso desejo?

Esse desejo, que brota das profundezas de nosso ser, chega até nós a partir da origem longínqua do microcosmo. Ele é um reflexo, em nosso coração, da alma microcós mica, de fragmentos de lembranças de nosso longo caminho errante que dura milhões de anos.

OS DOIS QUE SE TORNAM UM O ser humano tal como o conhecemos não passa de uma sombra do homem original. No entanto, a imagem do ser superior permaneceu escondida no interior do microcosmo: dentro de nós, em nossa personalidade humana. Essa imagem está ligada ao nosso coração, à própria fonte de nossa vida.

Assim, observamos dois centros que estão ligados entre si: o vestígio do homem original e sua imagem, no centro do microcosmo. Os dois acabam se unindo a fim de constituir um só núcleo deslumbrante de vida original.



refletem, como jorrando de uma fonte, despertados pelos sete raios do Espírito Sétuplo.

Essas sete vibrações ressoam nos sete campos de vida do microcosmo. É então que se inicia uma total transformação do microcosmo, segundo o modelo, a imagem original divina. A linguagem simbólica da Rosa-Cruz refere-se a esse fato como o florescer do sétuplo átomo divino.

A personalidade, o ser que se consagra a esse processo, empreende uma profunda transformação chamada “transfiguração”. Ela se transforma completamente, totalmente. Jubilante pelo desenvolvimento do microcosmo sétuplo, ela se torna cada vez mais livre e consciente, e se eleva na vida original.

A Rosacruz Áurea parte dos seguintes princípios:

- existe um ser exterior, um ser humano feito de matéria terrestre;
- e existe um ser interior, que é a alma transparente do microcosmo.

O interior está oculto no exterior. O ser interior tem a possibilidade de renascer no ser exterior como se ele realmente despertasse.

Eis o objetivo de nossa existência.

Por mais oculto que o tesouro esteja, mesmo assim a pérola continua dentro de nós!

O ser interior e o ser exterior estão inextricavelmente ligados. Mas é preciso que eles caminhem juntos, conscientemente. Isso se torna possível quando o ser exterior faz do ser interior um templo onde a Luz da Gnosis pode agir. Uma grande riqueza, um tesouro feito de desejo e conhecimento anima os dois seres.

Na Escola Espiritual, as pessoas conscientes sabem que estão protegidas na Casa *Sancti Spiritus*, a casa onde, um dia, o Espírito libertador as curou. Essas pessoas abriram um caminho até essa casa, com o auxílio da Luz sétupla, e, assim, chegaram à própria essência interior do campo de vida original. O exterior perdeu-se no ser interior, e o renascimento absoluto se tornou um fato ☼

A partir da confluência dessas duas correntes forma-se uma única onda, clara e pura, na qual ressurge o diamante do ser interior, que esteve durante tanto tempo recoberto de matéria terrestre. A corrente purificadora expulsa todas as impurezas, e então a Luz alcança a pérola. A jóia maravilhosa começa a cintilar. Os gnósticos do passado falavam de uma pérola muito valiosa. Os rosa-cruzes evocam o “tesouro da jóia maravilhosa”. E cada um de nós é potencialmente um portador dessa jóia maravilhosa!

Quais são as características dos que possuem esse tesouro, dos que apreciam com todo amor o conhecimento interior? Eles trazem uma assinatura, o símbolo interior de uma predestinação. Eles são chamados.

Por que a Rosa-Cruz fala dessa jóia como de um tesouro muito valioso?

Porque quando esse tesouro se liberta de seu envoltório material e seu maravilhoso brilho se revela, sete raios de luz resplandecentes aí se

maria madalena e a luz

É fato que, em nossos dias, Maria Madalena encontra-se novamente em cena, e sem dúvida ligada ao vir-a-ser da consciência do pesquisador. Sua imagem como esposa – às vezes amada – de Jesus leva a uma dupla relação: a de instrutor-aluno e a de afeição recíproca e de um amor superior pelo aspirante ou vice-versa. Se bem que a literatura somente relate a eventual aventura, exterior e material, entre Maria Madalena e Jesus, o leitor atento percebe instantaneamente a linguagem e as imagens simbólicas assim como seu profundo significado.

Maria Madalena, assim como Jesus, nos indica a noção de alma. Ela representa a alma sedenta que aspira com toda sua pureza e ardor; o outro – Jesus – representa a alma da origem, a alma que pertence a um mundo inviolado, incorruptível.

Qual é, portanto, para nosso tempo, a mensagem dessa figura fascinante, Maria Madalena? Trata-se da relação de Maria Madalena com Jesus. Suas núpcias foram celebradas verdadeiramente? Uma citação dos atos de João nos esclarece. Todo homem pode celebrar núpcias muito especiais. Nas diferentes religiões, os mistérios fazem referência às “núpcias sagradas”. É a união interior da alma, a noiva, com o divino outro, o amado divino. Em nossos dias, essa sabedoria dos mistérios nos confunde, incitando-nos a dar um novo passo no desenvolvimento da consciência. No Evangelho gnóstico segundo Filipe – Evangelho descoberto em Nag Hammadi – lemos o seguinte: “Grande é o mistério das núpcias, pois sem núpcias sagradas o mundo não poderia existir. A manutenção do mundo repousa sobre o homem. A manutenção do homem repousa sobre as núpcias sagradas. Aprendeis todavia o que significa uma pura e santa comunidade, pois grande é sua força”.

Segundo Filipe, a câmara de núpcias é uma metáfora que designa a unificação, em cada homem e em cada mulher, do espírito divino (aspecto masculino) com a alma humana (aspecto feminino). A relação de Jesus com Maria Madalena simboliza essa ligação. Disso nasce a

completude, a união das polaridades.

Maria Madalena é o símbolo da alma que percorre o caminho. Ela encontra o Salvador, segue seu caminho e apóia-se nele. Tal é a meta final do ser humano: as núpcias sagradas. A figura de Maria Madalena surgiu da tradição cristã, enquanto o Islã conhece, entre outros, o amor de Majnun por Laila. Numerosos mestres sufis viveram esse amor como caminho interior. No judaísmo, o Cântico de Salomão inicia-se com estas palavras: “Que ele me beije com os beijos de sua boca; pois seu amor é mais suave do que o vinho” (Cântico dos Cânticos 1,2). A Cabala (a mística judaica) conhece os segredos das núpcias santas. As emanações divinas vertem da árvore dos Sefirot. E elas se incorporam no ser humano que preparou a alma como uma noiva. Elas são “o amor mais suave que o vinho”.

Esse conceito está onipresente no pensamento gnóstico. Gnosis significa compreensão no sentido de um vir-a-ser superior da consciência. Nossa verdadeira identidade revela-se graças ao flamejar de uma luz interior que nos abre caminho para a imagem original divina. O Evangelho segundo Filipe diz ainda “O senhor amou Maria Madalena mais do que todos os discípulos e a beijava com frequência na boca”.

Chegada de Maria Madalena a Marselha, imagem criada a partir de um manuscrito de 1476, Bruges, Bélgica, que conta a história de Maria Madalena na Provença, França

SÍMBOLOS E VISÕES DE LONGO ALCANCE





Maria Madalena era uma grande iniciada porque o ser divino havia nascido nela

Jesus dizia que Maria Madalena, tal como uma “vidente”, percebia a Luz.

Por detrás da imagem de Maria Madalena age o arquétipo da alma humana. O aspecto feminino corruptível é transformado em aspecto feminino eterno. Esse desenvolvimento se completa no ser interior. “Sede vigilantes para que ninguém vos engane com as palavras ‘vede aqui ou vede acolá’, pois o filho do Homem está no mais recôndito de vós. Segui-o!”, indica o Evangelho segundo Maria.

Maria Madalena era uma grande iniciada porque o ser divino havia nascido nela. No Diálogo do Salvador, um escrito cristão dos primeiros séculos encontrado em Nag Hammadi, ela exprime-se como uma mulher que conhece tudo. Ela estabeleceu a relação entre o cosmo e o início de um caminho libertador. Maria disse: “Assim, é para a corrupção de cada dia” e “o trabalhador que merece seu alimento” e ainda “Que o discípulo assemelhe-se ao seu mestre”. Essas palavras, ela as pronuncia como uma mulher que conhece o Todo. Os discípulos lhe perguntam: “O que é o Pleroma e qual é a diferença?” Ela lhes responde “Vós saístes do Pleroma e permaneceis no lugar da deficiência. E eis que Sua Luz expandiu-se sobre mim”. (...) Judas diz: “Dize-me, Senhor, qual é o começo do caminho?” Ele responde: “Amor e bondade. Se um desses dois tivesse existido nos Arcontes, nenhuma corrupção jamais teria acontecido.” ✪

maria madalena, a alma do mundo no homem

O cristianismo gnóstico revela uma coesão cósmica. Não há nada de espantoso a esse respeito, pois o conhecimento de uma estrutura divina da natureza que englobou e interpenetrou nosso mundo pertence a uma inteligência mais profunda da alma. Qual é, portanto, nossa relação com o mundo ideal, o mundo da causa criadora?

Tornou-se evidente e claro que existem para o homem duas esferas de vida diferentes e caminhos que as religam entre si. Podemos procurar nos Evangelhos – e nos escritos gnósticos originais descobertos no Alto Egito – uma força vivente, uma ponte entre os dois mundos. Mas, séculos antes do aparecimento de Cristo, grandes visionários, fundadores de religiões e filósofos perceberam como se formou “a partir do alto” o plano dessa ponte. Desde sempre existiu a missão de levar “a partir de baixo”, a construção dessa ponte.

A ALMA DO MUNDO Em sua obra *Timeu* Platão denomina “alma do mundo” as energias de coesão entre os dois mundos. Platão diz que o Criador do Todo queria que a criação fosse igual a ele tanto quanto possível. “Ele colocou a razão na alma e a alma num corpo para construir o universo, de forma a realizar uma obra que foi por natureza a mais bela e a melhor possível. Foi dessa maneira que nasceu o corpo do mundo como um ser vivente. Todavia, ele plantou a alma em seu meio e a manifestou não somente sobre o universo inteiro, mas para revestir os corpos do mundo também do exterior.” E ele continua dizendo que “a alma do mundo não é somente uma parte do corpo do mundo, mas também da razão e da harmonia do mundo do pensamento puro e do ser eterno”.

A alma do mundo é, portanto, a ligação. Ela é constituída pelos seres que devem nela preencher uma tarefa de grande interesse, pois uma

“queda” se produziu no mundo criado e efetuou-se uma separação com o mundo original. Nós sentimos os efeitos com nossa consciência separada do divino.

O EVANGELHO SEGUNDO MARIA Se falarmos agora de Maria, evocaremos então o caminho de uma alma que retorna à pura natureza original. Essa alma percebe que nosso mundo e nosso estado já não estão em harmonia com a criação divina. Ela começa, então, a procurar a origem da vida e uma ajuda lhe é dada. Maria Madalena encontra o caminho da purificação, da catarse e da mudança, o caminho do retorno. Ela é, por assim dizer, o protótipo de todos os que procuram o caminho. Ela é uma alma cujo triplo princípio original despertou o coração para a luz, o amor e a vida. Esse princípio é conhecido, no puro cristianismo, como a tríplice fórmula do fogo: Pai, Filho e Espírito Santo.

Em nossa época se apresenta a questão: qual é esse elemento feminino? Onde está esse princípio feminino? No processo de mudança? Em uma nova criação do homem? Em nossos dias, a mãe da vida aparece, por assim dizer por “detrás de um véu”. Em 1945 foi descoberto em Nag Hammadi, no Alto Egito, um verdadeiro tesouro de escritos gnósticos. No Evangelho segundo Filipe, o Espírito Santo é a Mãe, o campo energético que engendra: ele é bem ativo no plano da natureza divina assim como em nosso mundo.



Maria Madalena, de Carlo Scrivelli, detalhe do painel direito do retábulo de Santa Lucia Montefiore dell' Aso, Itália (por volta de 1485)

Ele manifesta-se em nossa consciência como energia original, éter santo ou sopro (respiração) da alma vivente. Não tornou-se agora evidente que ao lado do pai e do filho, nós descobrimos também a mãe? Partamos do princípio de que a força regeneradora, o sopro vivente no universo é a mãe da vida. Essa mãe engendrou numerosos filhos em todas as culturas humanas. Pensemos somente na Ísis dos egípcios ou na Sofia dos gregos.

Uma dessas filhas está estreitamente ligada ao cristianismo espiritual, à gnosis cristã e a nossos

tempos atuais. Trata-se de Maria Madalena, a alma que se abriu ao Espírito por uma reversão interior. “No mundo, eu fui liberta do mundo e eu fui libertada até obter a imagem de uma ordem superior; porque as correntes do esquecimento têm uma existência limitada...”, é dito em um dos versículos do Evangelho segundo Maria. Os gnósticos vêem em Maria Madalena uma alta iniciada nos mistérios da Luz. Na tradição da Igreja ela é, a princípio, a pecadora de quem Jesus expulsou os “sete espíritos malévolos”.

Nos escritos gnósticos – jamais integrados no *corpus* do Novo Testamento – assim como no Evangelho de João, Maria Madalena aparece como uma alma corajosa e ardente que se eleva acima do mundo da ilusão para o sol espiritual, tal como uma flor de lótus que, abrindo caminho através do lodo, se expande à luz do sol. Maria Madalena é a alma que se desvia desta natureza e se dirige para o mistério interior da vida eterna reencontrada no Redentor. Sobre seu caminho de rendição ao Espírito, ela torna-se uma iniciada nos mistérios da Luz. Seus companheiros, os apóstolos, a têm em alta estima e a chamam de “a mulher que conhece o Todo”. Maria Madalena é também a mulher “de quem sete demônios foram expulsos” – metáfora explícita de iniciação sétupla, através da qual a alma humana é reintegrada na glória do pleroma. A luz quebrou os sete selos; as sete novas luzes acendem-se em sete fases.

“O Evangelho de Maria” é um texto profundamente esotérico. Seu ponto central consiste em uma revelação de Jesus na alma de Maria Madalena, que pode assim elevar-se ao longo das esferas celestes – revelações acessíveis apenas aos iniciados ou aos que se esforçam para alcançar esse estado. Com as seis primeiras páginas em falta, o texto continua com um diálogo entre Jesus ressuscitado e seus discípulos. Após sua ressurreição, os discípulos se afligem, mas Maria os consola, contando-lhes sua visão.

Temos alguma consciência de que nosso mundo material existe em uma realidade corrompida porque somos, nós mesmos, seres fatigados, imperfeitos

CONHECIMENTO INTUITIVO DA ALMA

No evangelho *Pistis Sophia*, Jesus lhe diz: “Maria Madalena, ó abençoada, tu herdarás todo o reino da Luz”. Maria Madalena tornou-se um “raio de luz da alma do mundo”, que se dirige aos homens extraviados e os acolhe para que percorram o caminho do retorno. As fases de seu caminho se fazem sentir na memória coletiva da humanidade. Seu “raio de luz” penetra nosso mundo, onde o ego humano gerou um frio glacial devido a seus experimentos, cálculos e especulações, sua ciência sobre a matéria e seus tecnocratas.

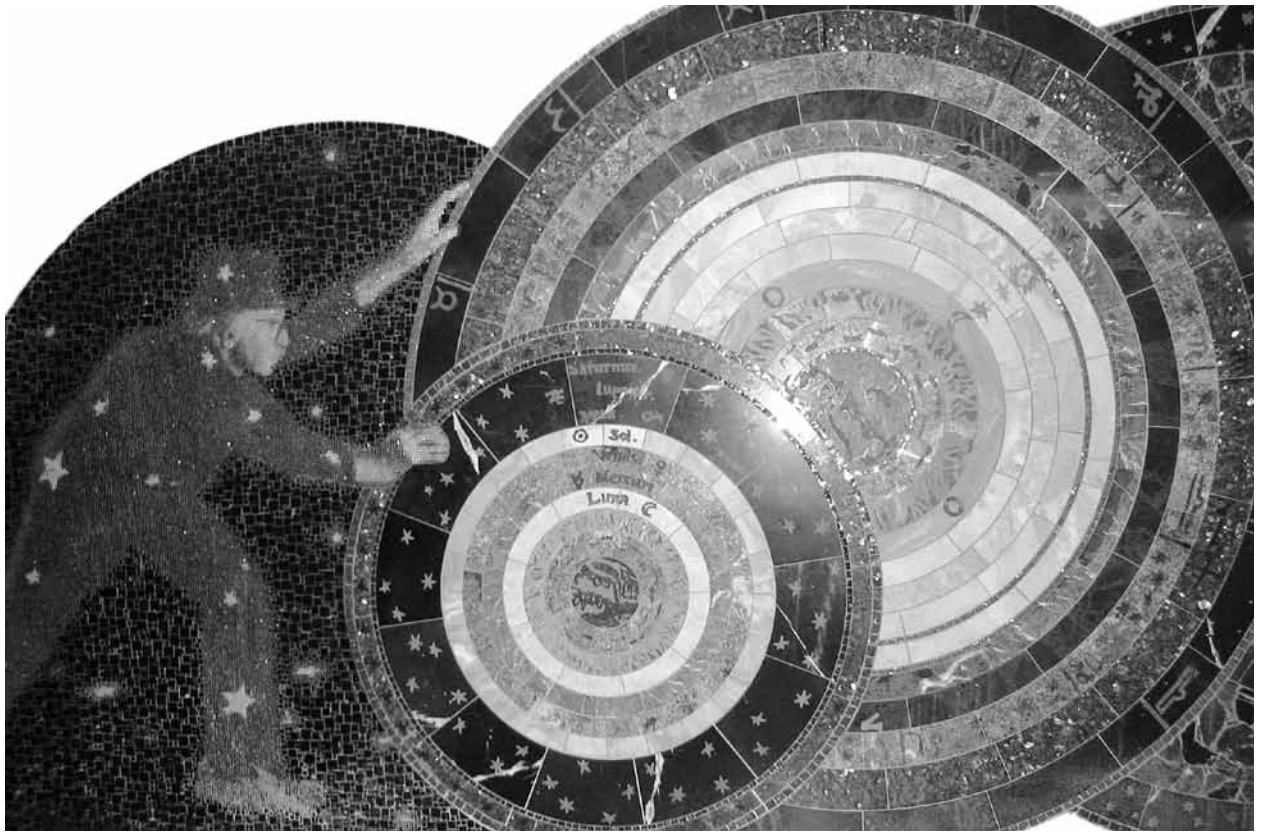
O “raio de luz” de Maria Madalena alivia e pacifica. Reforçado e atualizado por todos os que percorrem o mesmo caminho, ele penetra o que é anormal e doentio em nossa sociedade. Ele projeta a luz de seu “conhecimento do Todo” sobre todos os aspectos mortais da alma que se manifestam em nossa época e toca os homens que se aproximam e podem ouvir no silêncio. Esse raio de luz é semelhante a um chamado: “Voltai para o interior! O coração do Todo, a centelha divina, palpita em vosso próprio coração!”

Algumas passagens do Evangelho de Maria (Maria Madalena) ilustram esse conhecimento intuitivo da alma: “... A matéria será redimida ou não?” Assim começa o primeiro fragmento. “O Redentor disse: ‘Toda a natureza, tudo que foi gerado e todas as criaturas existem umas nas outras e umas pelas outras. Contudo, elas serão novamente desagregadas até o seu próprio estado primordial, pois a matéria composta só pode decompor-se em seus próprios elementos. Quem

tem ouvidos para ouvir, ouça’. Pedro disse-lhe: ‘Tu nos esclareces todas as coisas. Dize-nos também mais isto: qual é o pecado do mundo?’ O Redentor disse: ‘Não existe pecado; vós, porém, cometeis o pecado quando realizais ações que se assemelham ao pecado. Por esse motivo o Bem surgiu entre vós para reconduzir a alma de cada ser a seu estado original. Por essa razão nasceis e por essa razão morreis. [...] Sede vigilantes para que ninguém vos engane com as palavras “vede aqui” ou “vede acolá” pois o Filho do Homem está no mais recôndito de vós. Segui-o!’”

Como homens modernos, sabemos que a matéria é energia, vibração. Mas, porque somos seres fatigados, imperfeitos, temos consciência de que nosso mundo material existe em uma realidade corrompida. Essa realidade inflamou-se em uma vontade bipolar que se separou do Espírito. O que caracteriza o mundo material, nosso mundo, é a perda de um centro. A voluntariosidade – a vontade pessoal que renegou a unidade com o Espírito – reina em todas as frentes. Nossa natureza afastada do Espírito acomoda-se assim ao sofrimento e ao acaso. Numerosos são, portanto, os homens que desejariam novamente colocar o Espírito no centro de sua vida. Eles romperam o passado de séculos de cristianismo dogmático e de árida formação intelectual. Falta-lhes, todavia, a força da alma vivente, o sopro da mãe de toda a vida que emana do coração.

UNIDADE DE AÇÃO Quem deseja encontrar o centro terá de se libertar do mundo da volun-



Mosaico: “O despertar da alma do mundo”

tariosidade que gira ao redor da própria falta de sentido. Ele dará um sentido à sua vida, ligando-se ao centro. Essa é também uma das razões pelas quais a divina alma do mundo, no ponto mais profundo do nosso ser, surge como o único Bem. Ela nos oferece uma nova ligação e novos benefícios, a fim de que possamos nos decidir pela grande luta entre a luz e as trevas. Abandonamos, então, a vida fragmentária. Em todas as coisas procuramos a unidade de ação. Voltamos para nosso centro perdido, para o sopro da mãe de toda a vida, o Espírito Santo no coração, o centro do Todo de onde a alma poderá um dia receber a Luz libertadora. Esse é o alvo de uma reversão para a qual Maria Madalena chama os homens; pois ela vivenciou o caminho, percorrendo-o.

Partindo daí, voltamos nossa atenção para os acontecimentos descritos nos Evangelhos que se referem a Maria Madalena. Vimos que as passagens de Lucas (8:2) e de Marcos (16:9),

que se referem à expulsão dos demônios e à transposição dos sete pecados capitais, são uma metáfora do sétuplo estado de queda da humanidade, que se exprime pela qualidade de seu sangue, ou seja, sua consciência natural. Maria Madalena representa aqui o homem que compreendeu a que ponto sua alma está aprisionada e que deseja sua libertação. Compreendemos também o motivo pelo qual Maria Madalena, diferente de Marta, mais voltada às coisas práticas, escolheu a boa parte: permanecer aos pés do senhor (Lucas 10:38-42). Tocada pela luz da inteligência, Maria ouve, em plena rendição do eu, a sabedoria eterna, a gnosis. É devido a tal oferta de si mesma, provinda do silêncio e da simplicidade do coração, que o Redentor a ama, que a ama mais do que aos outros discípulos, como relata o Evangelho segundo Filipe. Jesus quis dizer com isso que a rendição da alma ao Espírito é o único necessário para sua libertação.

O Evangelho de João (12:1-8) relata que Maria Madalena untou os pés do Redentor com um

Sentimos essa magnífica linguagem simbólica como um clarão do mistério da alma-espírito, como um acontecimento desenrolando-se em um nível superior da vida

perfume de nardo muito caro e que ela os enxugou com seus cabelos. A metáfora é aqui particularmente explícita. É uma imagem da alma que se torna consciente do profundo significado da oferenda crística. Por sua compreensão, ela responde à oferenda do amor divino com um dom perfeito. Mais adiante, vemos que o Redentor tornou a fazer esse ato ritual de Maria Madalena. No decorrer da refeição da tarde (ou noite) Jesus lava os pés dos discípulos (João 13:1-15). Trata-se do ato, do mais alto ponto simbólico que exprime a nova ligação do amor, unindo Deus ao homem. “Permanecei em meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, assim como eu guardei os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor.” (João 15:9-10)

Maria Madalena que, profundamente consciente, executa seu ato inspirada pela alma, torna-se então, o modelo da alma servidora do Espírito. O ritual de Jesus e o seu formam, os dois, o sinal intemporal da ligação do amor cósmico e da prestabilidade entre o reino do Espírito e a humanidade decaída. Essa prestabilidade torna-se autêntica em toda alma aspirante: o testemunho simbólico de uma experiência pessoal interior.

Chegamos agora ao profundo significado dos acontecimentos no decorrer dos quais Maria Madalena está diante do túmulo vazio de seu mestre bem-amado (João 20:11-17). Ela olha para o túmulo – a mais clara representação que podemos dar de uma iniciação aos mistérios da vida! Ela está inteiramente transformada em seu

interior. Contrariamente aos dois discípulos que estavam alguns instantes mais cedo, junto ao túmulo vazio, Maria Madalena percebe a presença de dois anjos, de dois guardiães. Como alma que retorna, ela sente os primeiros efeitos diretos de energia divina já ativa nela. Mas, ela não pode ainda compreender o ressuscitado, nem percebê-lo, nem contemplá-lo, pois logo que Maria se vira, ela vê Jesus, mas não o reconhece. Os olhos de sua alma ainda estão incapazes de ver com suficiente clareza na radiante luz do Espírito. Jesus vem em seu auxílio e diz: “Maria!” Ela vira-se novamente. Tudo que ainda pertence a este mundo afasta-se dela. Maria Madalena entrega-se inteiramente ao mundo do Espírito. Elevando-se assim no reconhecimento divino, ela contempla o ressuscitado e exclama: *Rabboni!*, que quer dizer mestre.

Sentimos essa magnífica linguagem simbólica como um clarão do mistério da alma-espírito, como um acontecimento desenrolando-se em um nível superior da vida que, em sua beleza e simplicidade, dificilmente pode ser traduzido em palavras. Aqui vem a imposição “Não me toques!”, palavras que o ressuscitado dirige a Maria Madalena, para fazê-la compreender que a unificação final ainda não pode ser feita. Mas a alegria que Maria sente é sem limite. Ela se apressa até aos discípulos para que eles partilhem de sua felicidade. É o coração que transmite o inacreditável para a razão: o senhor ressuscitou verdadeiramente! ✨

revesti-vos do novo homem

A sequência do Evangelho segundo Maria, também conhecido como Evangelho segundo Maria Madalena, de Nag Hammadi, descreve como o “ressuscitado” aparece aos doze discípulos para transmitir-lhes suas últimas recomendações. Embora devamos interpretá-las interiormente de maneira alegórica, vemos como elas se referem ao sopro da regeneração, a qual, em tempos próximos, confirmará ao buscador o valor interno da força crística.

“**N**ão deis outro mandamento além daquele acerca do qual eu vos instruí. E também não ordeneis leis como o fazem os legisladores, para que não sejais apanhados por elas”. Mal dissera aquilo e já se tinha ido. Os discípulos se entristeceram, lamentando-se e dizendo: “Devemos agora dirigir-nos aos pagãos e pregar o Evangelho do Reino do Filho do Homem? Ele não foi poupado; como seríamos nós poupados?” Então, Maria se levantou, saudou a todos e disse a seus irmãos: “Não choreis, não vos entristeçais e não duvideis, pois Sua graça estará convosco e vos protegerá. Ao contrário: louvemos a Sua majestade, pois Ele nos preparou e nos fez Homens”. Com estas palavras, Maria voltou seu coração ao Bem e eles começaram a falar uns com os outros sobre as palavras do Redentor.

Quem busca apoio no Espírito dele recebe suas diretrizes e seus conselhos. No momento em que se deixa levar pelo curso habitual das coisas perde sua fé e seu eu intelectual o faz duvidar: “Não posso fazer aquilo! A Gnosis é incompreensível! Não quero em caso algum passar por idiota!”

Essa posição é compreensível e natural, porque o homem com tendência intelectual recebe, assim, uma influência inspiradora que muitas vezes parece incompreensível. Enquanto ele gostaria realmente de observar os mandamentos de Cristo, seu intelecto impõe imediatamente regras a fim de ter uma certeza, ou pelo menos parecer ter uma. Mas como

o intelecto poderia dar testemunho do Espírito? É impossível. Ele pode apenas parodiar, falsificar. Somente um saber novo, a intuição de uma alma pura, uma concepção repleta de fé que vem do coração pode aplicar os antigos ensinamentos. A consciência da nova alma, Maria, elimina o medo e a dúvida a fim de tudo realizar com a Luz. E essa união radical da cabeça e do coração realiza-se diretamente e sem reserva pela palavra que vive, age e dá testemunho do Espírito.

Pedro disse a Maria: “Irmã, sabemos que o Redentor amava mais a ti do que às outras mulheres. Dize-nos, pois, as palavras do Redentor das quais te lembrás e que bem compreendeste, mas nós não; dize-nos, também, o que Ele disse e não ouvimos”.

Maria respondeu e disse: “O que está oculto para vós, vou transmitir-vos”. E ela começou a dizer-lhes as seguintes palavras: “Eu”, disse ela, “vi o Senhor numa visão e disse a Ele: ‘Senhor, hoje Te vi numa visão’. Ele respondeu dizendo-me: ‘Abençoada és tu, porque não vacilaste ao contemplar-me. Porque onde está a razão purificada, aí está o tesouro.’ Eu disse a Ele: ‘Senhor, alguém que vê uma visão, a vê com a alma ou com o espírito?’ O Redentor respondeu dizendo: ‘Ele não a vê com a alma nem com o espírito, mas, a razão purificada, que está entre os dois, vê a visão.’”

Segundo J. van Rijckenborgh, fundador e grão-mestre da Escola Espiritual da Rosacruz



Imagem criada a partir de manuscrito da corporação de artesãos Madalena (Guild Magdalena) de Bruges, Bélgica, 1476

Áurea, devemos considerar os doze discípulos como representações dos diversos aspectos da consciência. Quando Maria conta aos discípulos uma visão, eles ficam indignados. Os discípulos querem arrancar o profundo segredo de sua alma. Por que “esta mulher” é tão apreciada pelo Senhor, enquanto os discípulos – que representam a consciência – o são muito menos? É que a alma, Maria Mada-

lena, refere-se a uma experiência espiritual: um reconhecimento imediato, procedente da intuição profunda de sua alma, do rosto eterno do Ser divino. Essa percepção vem da alma ou do espírito? De nenhum dos dois, responde Jesus; ela vem da nova consciência que conhece a si mesma, do verdadeiro ânimo (Noûs), que atua como elo entre a alma e o espírito.

Nosso coração é uma grande maravilha. Nele permanece um elemento espiritual, um potente princípio de natureza divina

Por sua visão, Maria Madalena quer também transmitir a ideia de que o mistério do autoconhecimento pode ligar a alma com o espírito do homem ressuscitado, num sentido muito diferente do que se pode compreender no mundo dos homens. Ela é, por conseguinte, a manifestação “da mulher que conhece o Todo”; para os discípulos ela é a alma iluminada que reconhece o divino. É por isso que o texto diz: tal experiência não é atribuída a alguns eleitos. É antes um dom da graça para cada coração que se abre à palavra do Espírito, para cada um dos que querem perseverar até o cumprimento final da união com o Espírito das “núpcias alquímicas”.

Indaguemo-nos uma vez mais: nossa consciência se encontra sempre num caos semelhante ao das raízes subterrâneas? Ela luta para obter um lugar em meio aos ramos espinhosos das experiências dolorosas do mundo? Ou desenvolveu-se até as sépalas que envolvem os botões da flor, o universo da alma ainda fechado?

Nosso coração é uma grande maravilha. Nele permanece um elemento espiritual, um potente princípio de natureza divina. O caminho espiritual consiste em liberar as forças desse átomo original.

O ser humano pode escapar ao dilúvio devastador de suas experiências mentais somente se fizer de sua alma um arco, se aceitar as forças altamente espirituais de sua alma – e não suas emoções – e se confiar-se incondicionalmente às forças ocultas do plano da criação. Somen-

te então as linhas de forças desse plano envolverão sua alma de luz. Essa estrutura luminosa permitirá ao homem superar um “oceano” de ignorância e conservar viva sua alma.

A seguir, um fragmento do Evangelho de Maria Madalena, em que a alma, sustentada por sua nova veste-de-luz, lança-se e atravessa, triunfante, as esferas da humanidade decaída. “E a cobiça disse [à alma]: ‘Não te vi descer. No entanto, agora vejo-te elevar-te. Por que mentes? Tu me pertences!’ A alma respondeu e disse: ‘Eu bem que te vi, mas tu não me viste. Serviste-me como veste, porém não me conhecestes’. Tendo dito isto, ela rejubilou-se e retirou-se. Mas ela retornou ao terceiro poder, denominado ignorância. [Esta] desejava sondar a alma: ‘Aonde vais? Estás aprisionada no pecado, foste apanhada pelo pecado. Portanto, não julgues’. A alma disse: ‘Por que me julgas tu se eu não te julgo? De fato, fui atingida, mas eu mesma não atingi. Não sou conhecida, mas bem que conheci que o Universo está sujeito à decomposição, tanto as coisas terrenas como as coisas celestes’.

Depois de deixar para trás o terceiro poder, a alma elevou-se e viu o quarto poder que tem uma forma sétupla. A primeira é a treva, a segunda é a cobiça, a terceira é a ignorância, a quarta é a causadora da morte, a quinta é o reino da carne, a sexta é o entendimento ilusório da carne, a sétima é a ciência da cólera. Estes são os sete companheiros da cólera que perguntam à alma: ‘De onde vens, assassina



de homens, e para onde conduz teu caminho, rainha do espaço?’ A alma respondeu dizendo: ‘O que me prendia foi morto; o que me detinha deixei para trás; minha cobiça foi aniquilada, e minha ignorância morreu. No mundo fui libertada do mundo, e fui libertada para formação de uma ordem superior. Fui libertada dos grilhões da incapacidade de compreensão, cuja existência é limitada. De agora em diante, vou alcançar a paz, livre do curso dos éons. Em silêncio’. Tendo Maria contado tudo o que o Redentor lhe dissera, calou-se.”

A veste-de-luz da alma é como uma arca que permite escapar ao dilúvio moderno e às esferas do mundo da cólera e do mal. A compreensão, a reversão e a autorrendição geram novas forças em nós. Do mesmo modo

a influência e as forças impulsivas procedentes da natureza retêm o corpo e a consciência da natureza, bem como a alma. Mas não é preciso temer, a sua intenção não se realizará! A nova veste-de-luz garante o regresso ao reino da Luz, ao silêncio e à paz da eternidade, estar neste mundo, provando ao mesmo tempo o estado misterioso da ligação com o “outro”: durante sua vida aqui embaixo, a alma, Maria Madalena, guarda silêncio.

Se os discípulos tivessem tido conhecimento da sua visão, alguns teriam reagido com ceticismo. Até o último minuto, certos aspectos da consciência podem incitar à dúvida. O último fragmento desse Evangelho mostra claramente que o intelecto leva à dúvida a alma que, pela mediação de sua consciência intuitiva, testemunha suas experiências

espirituais. E para ela as dificuldades prosseguem.

“Mas, André tomou a palavra e disse aos irmãos: ‘O que pensais do que ela disse? Eu, pessoalmente, não creio que o Redentor disse tais palavras, pois sua doutrina, certamente, tem um outro significado’.

Também Pedro levantou objeções e perguntou a seus irmãos quanto à sua opinião sobre o Redentor: ‘Teria Ele falado com uma mulher em nossa ausência e não publicamente? Devemos dirigir-nos a ela e obedecê-la? Tê-la-ia Ele privilegiado em relação a nós?’ Maria, então, disse a Pedro: ‘Meu irmão Pedro, que pensas, pois? Pensas que eu mesma inventei tudo isto em meu coração ou que mentiria a respeito do Redentor?’

Então, Levi (Mateus) tomou a palavra e disse a Pedro: ‘Pedro, sempre foste irascível. Agora vejo que te exaltas contra esta mulher como se ela fosse um adversário. Se o Redentor a considerou digna, quem és tu para rejeitá-la? Com certeza o Redentor a conhece perfeitamente. Por esse motivo Ele a amou mais do que a nós. Nós, pelo contrário, deveríamos envergonhar-nos, e deveríamos antes aproximar-nos do Homem perfeito, deveríamos tornar-nos como Ele nos ordenou. Deveríamos anunciar o Evangelho sem estabelecer outro mandamento ou outra lei além daqueles que disse o Redentor’.

Tendo Levi dito isto, eles prepararam-se para anunciar e pregar.”

Podemos ainda perceber, em nosso mundo

dominado pelo intelecto, a pureza e a vida da alma? Muitas são as pessoas que, encontrando-se no nadir de sua travessia do mundo, suspiram pela compreensão, pela Luz, pelo renascimento de sua alma! A alma divina do mundo, Cristo, quer fazer sua morada na humanidade. Chegou de fato o tempo para uma colheita cósmica.

Hoje cada um pode livremente apreender em seu coração a “âncora” salvadora. As gerações futuras também escaparão ao dilúvio atual numa arca de construção nova no plano psíquico?

J. van Rijckenborgh dá a essa pergunta uma resposta animadora nos seus comentários sobre a *Confessio Fraternitatis*. Ele diz que, durante a futura revolução mundial, a mulher terá uma sensibilidade específica para receber no coração as vibrações das novas radiações cósmicas. Graças à sua resistência tenaz, saberá fornecer um formidável impulso ao avanço da humanidade. Capaz de grandes esforços, será capaz de resistir às ilusões do intelecto de modo que a humanidade possa renovar-se com base no coração. Os dois polos, masculino e feminino, estarão, pela transformação completa e pela renovação da alma, aptos a avançar em direção ao objetivo muito específico do novo período: o verdadeiro tornar-se humano.

Na força da “transformação”, é possível seguir a via de Maria Madalena. A alma do mundo e a respiração regenerativa fixarão cada vez mais fortemente os valores de Cristo no coração ☸

ressurreição na veste-de-luz

Vivemos em um corpo que, se tudo vai bem, nos transmite sensações de alegria e bem-estar. Se esse processo é perturbado, a doença surge. Isso também se verifica também no nível da alma. Nosso corpo nos transmite a sensação de estarmos presentes no mundo. Por meio dele podemos apresentar-nos, firmar-nos e desenvolver-nos. Ele forma também nossa consciência. Ao dizer “eu”, queremos dizer que nosso corpo nos pertence. Entretanto, sujeito ao tempo, o corpo é submetido ao desgaste e termina por desaparecer totalmente.

Esse fato, particularmente penoso para nossa consciência, sempre provoca crises. E quanto a saber se a vida continua depois da morte, a questão permanece. No Evangelho de Mateus, Jesus diz: “Deixai os mortos enterrarem seus mortos”. Essa ordem não parece estranha, tratando-se de homens que habitam corpos viventes? Em seu diálogo *Górgias*, Platão declara: “É possível, até, que estejamos mortos; eu próprio já ouvi certo sábio declarar que estamos realmente mortos e temos por sepultura o corpo [...] a porção da alma dos não iniciados em que se localizam as paixões, justamente por ser incontentável e nada reter, comparou a um tonel furado, que por isso mesmo nunca se satisfaz”.

E no Evangelho de Filipe, lemos: “O pagão não morre, pois ele nunca viveu para que possa morrer”.

Sem dúvida existem outras sentenças que nossas próprias experiências poderiam confirmar. Os sentimentos de que em realidade habitamos corpos fadados à morte não nos são desconhecidos, como por exemplo, de que a morte está presente em nós desde o instante em que nascemos, e que nossa vida não seria a vida verdadeira.

CORPOS TERRESTRES E CORPOS CELESTES

O corpo em que Jesus ressuscitou é um corpo totalmente diferente. Na Epístola aos Coríntios, Paulo diz: “Mas Deus lhe dá corpo como lhe aprouve dar e a cada uma das sementes, o seu corpo apropriado. Nem toda

a carne é a mesma, mas uma é a carne dos homens, outra, a dos animais, e outra a das peixes, e outra, a das aves. E há corpos celestes e corpos terrestres; mas uma é a glória dos celestes, e outra a dos terrestres” (I Coríntios 15:38-40).

Sim, a ressurreição acontece num corpo celeste, numa “veste-de-luz”. Esse corpo celeste é vivente. Ele não conhece a morte. Ele está ligado a outro estado de consciência. Filipe também diz: “É preciso ressurgir nesta carne, já que tudo existe nela”. E ainda: “Ninguém será capaz de ir ao rei se estiver nu”. O caminho que “leva ao rei” é o que conduz ao domínio da vida divina, a uma etapa real. Não podemos aproximar-nos “não vestidos”, ou seja, sem nosso corpo. Por que a necessidade de possuir um corpo se impõe aqui? As escrituras não dizem que Deus é Espírito puro?

A CONSCIÊNCIA DO HOMEM CELESTE

Essa questão evoca o mistério da criação. Os escritos místicos e gnósticos nos revelam que o Espírito universal se torna consciente de sua própria plenitude por meio de suas criaturas. Para elas, inicia-se o processo gradual de evolução. Essa evolução da consciência do Espírito universal é acompanhada de uma transformação em direção à divindade original, que permanece imutável. Cada nível de consciência emana de uma estrutura do ser que é o reflexo de seu aspecto espiritual.

○ Evangelho de Filipe convida à formação de um corpo celeste

O Evangelho de Filipe convida à formação de um corpo celeste. No estado atual de desenvolvimento da humanidade, somente nos sentimos chamados quando reconhecemos neste mundo a garra da morte sobre todos os seres vivos, quando percebemos que o verme róí o fruto desde o interior e provamos os profundos abismos do medo.

“Há um renascimento e uma imagem do renascimento”, diz o Evangelho de Filipe. Como seres mortais somos reflexos do imortal. “Certamente é necessário nascer outra vez por meio da imagem. Mas o que é o renascimento e qual é sua imagem?” Trata-se aqui de uma relação entre nosso estado de ser e o estado ao qual somos chamados. Certos escritos qualificam o homem como “portador de imagem”. Ora, no Evangelho de Tomé trata-se de gêmeos. Ele nos incumbe, portanto, de tornar possível a ressurreição do outro, o original, de quem somos a vaga imagem. E podemos fazê-lo porque, em nossa qualidade de imagem, temos certa conformidade com o outro, nosso gêmeo espiritual.

Assim, nossa estrutura é o meio pelo qual o original, o outro em nós, pode encontrar o caminho de seu desenvolvimento. Essa é a

particularidade do cristianismo gnóstico: o que importa é a ressurreição.

O Evangelho de Filipe afirma a necessidade de “revestirmos o homem vivente” e a Epístola de Paulo aos Efésios afirma por sua vez “... e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus”.

Aqui é feita referência a uma possibilidade real. Podemos tornar esse acontecimento possível. Ainda que esse projeto nos pareça utópico ou herético, ele nos lembra de que, assim como somos capazes de nos prender a um projeto deste mundo, assim também nos é possível trabalhar em nós mesmos. Podemos mudar nosso comportamento. Mas e nossa ressurreição? Não se trata de sermos muito presunçosos? Essa empreitada não é algo “proibido”? Os escritos gnósticos e o Novo Testamento evocam esse caminho com sobriedade. Eles encorajam a uma consciência que já não se identifique com o corpo comum, mas que se volte às forças dimanantes do mais interior do corpo.

No Tratado da Ressurreição (a Carta a Reginus), que faz parte dos textos de Nag Hammadi, lemos que: “Não convém a ninguém duvidar do fato de que a morte não concerne



senão à forma visível que não se conserva, e que apenas a forma vivente que se encontra nela ressuscitará. Que é então a ressurreição? É sempre a manifestação daquele que ressuscita”.

Segundo essas palavras, a forma imortal está escondida em nós. Trata-se de oferecer-lhe a possibilidade de manifestar-se, de tornar-se visível. É o caminho que Jesus percorreu ao desenvolver a forma vivente escondida em seu corpo mortal, até que ela atingiu sua verdadeira grandeza. Ele a harmonizou com o Espírito divino religado à alma, que chamamos, por essa razão, alma-espírito. Os maravilhosos milagres e outros narra-

tivas dos Evangelhos testemunham desse processo de modo figurado. Jesus deixa sua forma mortal para tomar a forma de um corpo novo ressuscitado. O túmulo (o corpo terrestre) estava vazio, o que quer dizer que a forma da alma-espírito foi enfim liberta. Então, é evidente que, quando o corpo mortal morre, um corpo espiritual deve ter sido desenvolvido. Se esse não fosse o caso, acreditaríamos – como o mundo o faz há séculos – que o corpo morto de Jesus de repente se levantaria! Mas lemos no Evangelho de Filipe: “Os que dizem que o Senhor morreu primeiro e se levantou estão enganados [...] Se alguém não alcança primeiro a ressurreição, ele não poderá morrer”.

Os discípulos não puderam perceber Jesus em sua forma celeste. Apenas Maria Madalena o viu. A antiga corporeidade, a imagem, não pode perceber o que adentra os limites de seus sentidos limitados. Os discípulos de Jesus seguiam, entretanto, seu caminho. Fiéis, eles se concentravam em sua própria transformação interior. Entre erros e incertezas, eles só poderiam perceber o ressuscitado quando seu corpo espiritual tivesse alcançado certo desenvolvimento e um novo *sensorium* – percepção dos órgãos sensoriais – fosse desenvolvido.

Palavras como “Tendes olhos, mas não vedes” não se dirigem aos discípulos do tempo

da ressurreição de Jesus. O Evangelho de Filipe afirma: “Ninguém pode ver algo das coisas imperecíveis, a menos que se torne como elas. Não é assim que se passa com o homem no mundo: ele vê o sol sem ser o sol; vê o céu, a terra e todas as outras coisas, mas ele não é essas coisas. Mas no reino da verdade, vê algo dela. Viste algo deste reino, e te tornas semelhante a ele. Viste o Espírito e te tornaste Espírito. Viste o Cristo e te tornaste Cristo. Viste o Pai e te tornaste o Pai. Assim, vê todas as coisas e não a ti próprio, mas, no outro mundo, realmente vê a ti mesmo, e te tornarás o que vires”. Com a consciência do antigo corpo, negamos, com razão, a ressurreição que nossos órgãos dos sentidos não são capazes de compreender. A ressurreição é um despertar. O Evangelho de Filipe foi originalmente redigido em grego, e o termo grego para ressurreição é *anastasis*, que significa também “despertar”. Nesse sentido, um despertar também abrange fases de crescimento.

MORRER NO IMORTAL A nova estrutura da alma-espírito está presente em nosso sistema de vida como a semente de uma árvore suntuosa. Para crescer, ela necessita de alimento e, sendo “terrestres”, devemos alcançar um estado em que esse crescimento se torne possível.

“Antes o homem se nutria como o animal. Mas quando Cristo, o homem perfeito, veio,

trouxe consigo o pão do céu para que o homem se nutrisse de um alimento de homem”. “Nem a carne (nem o sangue) herdarão o reino (de Deus). O que é que não se herdará? Aquilo que usamos. Mas então o que se herdará? O que pertence a Jesus e a seu sangue. Por isso ele disse: ‘Quem não come a minha carne e não bebe o meu sangue não tem vida em si’.” Que significam essas palavras? Sua carne é o Verbo, e seu sangue, o Espírito Santo. Os que os recebem comem, e bebem, e são “revestidos”.

A nutrição e a bebida de que se trata aqui nos dão a possibilidade de ser “vestidos”. Esse conceito de vestimenta refere-se ao corpo celeste. O corpo celeste, embora esteja presente no centro de nosso sistema corporal, está como morto: é a “imagem de olhos mortos”. Ele quer despertar no amor, mas seu crescimento deve ser estimulado. É um fenômeno relacionado ao mistério da criação original. Ao longo das muitas fases de seu crescimento, perceber em si mesmo – em seu próprio reino interior – o outro divino, afirma-se até a absoluta consciência de seu significado. O triunfo sobre a natureza da morte abrange a compreensão da vida e da consciência de nosso valor como alma-espírito. O homem efêmero – nós mesmos – morre no caminho que leva ao novo homem. Esse acontecimento cotidiano é uma certeza firmemente estabelecida, um solo firme. Ele conquista o espaço que nos é concedido.

A vida de Jesus é o símbolo luminoso do caminho que ele gravou no campo atmosférico de informação

Mas o homem celeste é o “grande pássaro dentre cujas asas repousamos”. A cada etapa de seu caminhar, ele se reflete em nós.

Recebemos um clarão de sua força. Com ele e sua sabedoria, vinda do processo interior, atravessamos a vida no mundo, sejam quais forem as circunstâncias. Como assimilamos o melhor das substâncias que evocam as palavras Verbo, Espírito Santo, pão e vinho? Que significam elas para nós?

Em princípio, seu sentido já está presente na atmosfera atual da Terra, e esses conceitos aguardam que nos harmonizemos com eles para que possamos assimilá-los. Eles são comparáveis às ondas de rádio, e nós, aos receptores capazes de operar na justa frequência. O período no qual nos conectamos oferece possibilidades particulares. Aquário é um dos signos do ar. Assim como no curso dos períodos precedentes, as energias altamente espirituais trabalham na atmosfera. É dito que uma seara está em vias de ser colhida. No mundo todo, a sabedoria dos mistérios penetra a consciência humana. Os homens têm a oportunidade de poder tornar-se o que verdadeiramente são em seu íntimo.

A vida de Jesus é o símbolo luminoso do caminho que ele gravou no campo

atmosférico de informação. Inúmeros seres humanos que o seguiram tornaram essa informação mais poderosa. Ela encerra todos os processos de transformação do corpo humano bem como todas as fases do desenvolvimento do corpo da ressurreição. Tudo isso pode ser evocado como exemplo, como modelo. Assim tornou-se possível para cada um tecer, mediante seus atos, sua orientação e seu comportamento, a veste de sua alma original.

Uma comunidade gnóstica que mantém um campo de luz especial comprova ser uma ajuda decisiva. Tal campo oferece uma proteção segura no meio do espectro de energias que nos cercam, onde as forças adversas desempenham um papel particularmente nefasto. Esse campo estimula a marcha no caminho, com perspectivas de sucesso. O candidato pode nele experimentar essa influência libertadora com um novo ânimo: ele recebe a confiança e a concepção espiritual de que a ação vai além da simples compreensão intelectual.

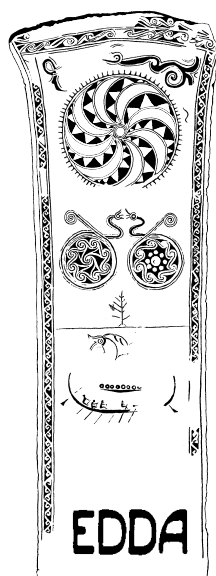
Essa ampliação do coração permite sobrepujar as oposições e abandonar todas as representações com as quais ele se identificava até então. Elas perdem toda a importância;



e ele ousa comportar-se de modo totalmente novo. Com coragem, ele pisa um solo interior que se estende progressivamente diante de sua consciência. Sua visão coloca-se sob a iluminação direta da Gnosis, que lhe confere saber interior e certeza.

A força universal “crucifica-se” no centro do espectro das antigas forças de nossos vários talentos. Nossos esforços para identificar-nos com essa força são como uma crucificação, e a travessia dessa fase como uma noite obscura. Mediante o abandono dos antigos aspectos da vontade, o jogo ardente dos pensamentos e das ambições desaparece de vista. O espaço parece obscurecer-se. Mas é assim que a fé progride. E, da noite do antigo estado, surge a luz radiante da nova manhã.

Chegará o tempo em que a nova construção se erguerá, inelutavelmente. A pedra decisiva, a pedra angular, que sustenta o Todo, vem do alto. O outro celeste aparece. No antigo corpo, o novo já está presente, como um campo de luz ilimitado, que se expande (ao se concentrar). A antiga consciência, tão limitada em seu envoltório mortal, funde-se com a nova consciência. O núcleo de luz utiliza ainda o antigo envoltório, que se tornou, corretamente, um veículo. O véu que escondia há tanto tempo o santuário interior se rasga; e o Evangelho de Filipe faz ressoar seu canto de alegria: “Aqueles que transcenderam o mundo são incorruptíveis, são eternos” ☸



Inúmeros mitos foram-nos transmitidos por civilizações dos períodos mais diversos. Eles revelam concepções da antiga humanidade sobre o aparecimento do mundo, a atividade das forças naturais, os deuses e sobre nosso destino após a morte.

a história da criação

O último artigo sobre a *Edda* (**Pentagrama 3**, 2011) nos mostrou que, no decorrer da longa evolução do ser humano na Terra, a descoberta da vontade própria pelo jovem “ego” foi uma experiência ao mesmo tempo fascinante e angustiante. Ao perceber sua missão, a responsabilidade e os perigos do caminho, isso causou-lhe profunda apreensão. Odin sempre estava à sua frente, às vezes como guia resplandecente de fulgor; às vezes como um ser sedento de sangue e muito assustador. O homem reconhecia a própria divindade, mas recuava, cheio de medo, diante desse grande poder. Por isso, tornou-se um guerreiro: destemido em combate, aprendeu a sacrificar-se a serviço de algo maior. Primeiro pelo lar, depois pela tribo, pelos deuses, pela terra, pela humanidade e, por fim, pela Divindade, que é tudo em tudo, e, assim, por Odin dentro de si mesmo.



Foi assim que a consciência foi evoluindo na alma germânica. Mas a vidente Völwa enxerga muito mais: processos e períodos cósmicos. Ela nos liga novamente às origens. Nessa história, é descrito o caos original a partir do qual o Universo se formou no decorrer de períodos intermináveis.

Assim diz o versículo 3:

*Em tempos primeiros,
quando Ymir vivia,
não havia areia,
nem mar,
nem ondas salgadas,
nem terra,
nem o céu no alto,
apenas o abismo vazio,
vegetação também não havia.*

A vidente contemplava os resultados dos impulsos espirituais. Pelos olhos do espírito, ela via forças polarizarem-se, o calor e o frio, o fogo e o gelo formando a terra, os dois polos influenciando-se mutuamente. Foi assim que ela transmitiu tudo isso na *Edda*. Por fim, as forças despertaram, formaram corpos e fizeram fazer surgir os vegetais, os animais e os seres humanos. Essas forças incansáveis eram os “gigantes”, que criaram a vidente. De certa maneira, todos nós poderíamos, ainda hoje, perceber essas forças em nós. A cabeça, com sua razão fria, corresponde ao polo frio, ao passo que o metabolismo de calor, que nutre



todo o corpo com sua energia, corresponde ao polo quente. Por fim, as forças originais criadoras dos gigantes foram ameaçadas de degeneração. Com a finalidade de limitar essa degenerescência e passar à reestruturação das energias “gigantescas”, as forças superio-

Odin expulsa os filhos de Loki
(gravura do artista dinamarquês Lorentz Frølich, 1906)



res interferiram e colocaram tudo em ordem novamente.

O Æsir (deus do principal panteão nórdico) Wotan, posteriormente chamado Odin, apareceu com seus irmãos Vili e Vé. Na qualidade de trindade universal eles intervieram em

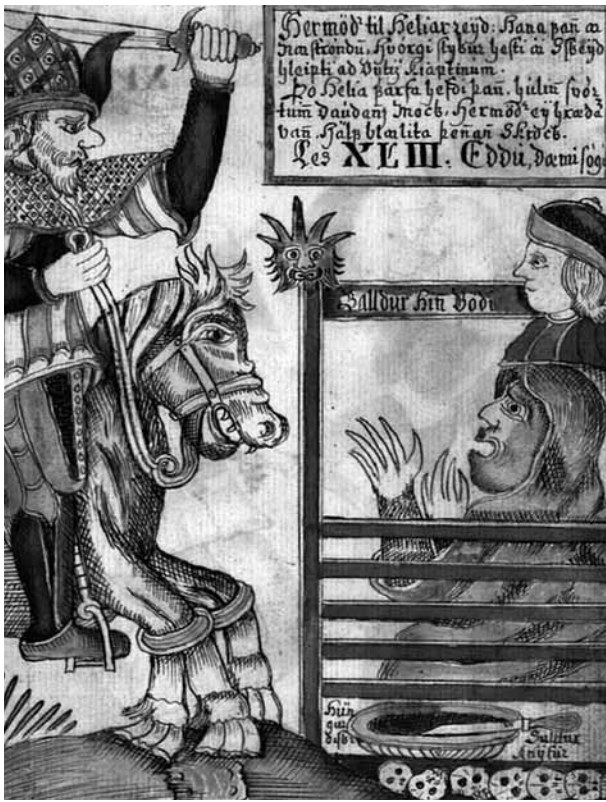
um novo nível de vida e ligaram-se às forças naturais incontroladas neles presentes. A *Edda* mostra como as três forças de Hli-dskjalf (o lugar onde Odin ficava e de onde ele contemplava os nove mundos) abriram um caminho através dos reinos da matéria e como seguiram diferentes etapas de um caminho de desenvolvimento. Não se falava sobre a existência imutável do Espírito como orientador nos bastidores desse desenvolvimento. Os deuses Æsir trazem ordem ao caos. Os astros tomam seu lugar no cosmo, a Terra recebe a divisão dia/noite, as plantas começam a crescer, e uma grande paz reina nessa primeira criação. Contava-se sempre que os deuses deliberavam. Depois que tudo foi criado, os deuses fizeram uma pausa.

No versículo 8 podemos ler:

*Em sua morada,
alegres e em paz,
em tabuleiros jogavam
– ouro não lhes faltava –
até que de Jotunheim
três mulheres gigantes vieram,
todas elas poderosas.*

A palavra “ouro” pode significar felicidade, abundância, um período “dourado”. Mas esse período tem seu fim com a chegada de três mulheres poderosas, filhas dos gigantes de Jotunheim, o lar dos gigantes. Aqui é anunciada uma mudança. Seria uma “segunda

**Hermod cavalga rumo a Balder, no inferno
(manuscrito islandês da Edda, século XVIII)**



*os dois, Ask e Embla,
sem força, sem destino.*

*Vida não tinham,
nem pensamento, nem calor,
nem movimento, nem boa cor;
alma lhes deu Odin,
pensamento lhes deu Honir,
calor lhes deu Lodur,
e também boa cor.*

É preciso considerar Ask e Embla como os primeiros seres da evolução, mas em uma fase anterior àquela quando os homens surgiram nos mais antigos períodos terrestres e ainda eram muito próximos do estado vegetal e animal e estavam “à margem” de um novo período. Nesse contexto, a palavra “margem” poderia simbolizar uma vasta região. Depois da água “sutil” (etérica) surgem estruturas mais densas. Ask e Embla surgem do oceano original da consciência de sonho. Sob uma forma mais densa, novas possibilidades de vida podem então ser evocadas.

Os seres humanos são determinados por três energias. Odin lhes dá o alento vital, a alma. Honir lhes dá a faculdade de perceber por meio dos sentidos. Lodur ou Loki é o deus astuto que proporciona o sangue e seu calor, da mesma forma que oferece a vida, mas ele também é o criador da vontade pessoal e dos instintos desenfreados. Loki é a própria essência do ser humano, que lhe confere a capacidade de escolher entre o bem e o mal.

história da criação”, como nos é relatado no Gênesis da Bíblia? Essa história estaria relacionada ao início de uma nova e grande época mundial? Os æsir suscitam uma nova atividade criadora em nível mais denso. Versículos 17 e 18:

*Então do lar dos deuses
três æsir à margem vieram,
poderosos e benevolentes,
e na terra encontraram*



O que importa, nesse contexto, é que ele toma parte na formação do ser humano desde o início do novo período mundial.

Na segunda gênese do Antigo Testamento, que, segundo dissemos, diz respeito à mesma fase da criação do homem, o surgimento da vontade pessoal acontece de forma diferente: a vontade própria não é isolada das outras. Em Gênesis 2:7 está escrito: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego da vida: e o homem foi feito alma vivente”. Em seguida, o Antigo Testamento fala sobre a “sedução da serpente”. No entanto, cabe ao homem fazer sua

Na *Edda*, os deuses empreendem um violento combate no interior do homem e da natureza: são metáforas relativas às mudanças infinitas da vida

escolha. Sua expulsão do Paraíso tem como consequência o fato de que ele irá viver em outra região, a região terrestre, sempre ligado ao “alento divino”, mas agora em um novo corpo. Adão e Eva vestem-se com “peles” para cobrir sua vergonha. A religião cristã, “conservadora”, insiste fortemente nesse episódio, que ela chama de “pecado original” – uma transgressão muito grave, da qual o homem seria o culpado.

Na *Edda* não há expulsão do Paraíso por uma divindade má e vingativa. Trata-se, na verdade, de desenvolvimentos impetuosos e violentos em reação a influxos de energias superiores. Os deuses empreendem um violento combate no interior do homem e da natureza. As consequências disso são as mudanças infinitas que os homens vivenciam dentro de si mesmos sob forma de crises com as quais, de início, são *obrigados* a cooperar cada vez mais, graças aos “mandamentos de Deus”, para poderem, mais tarde, *colaborar* com alegria ✪

identidade, personalidade



e núcleo espiritual

Da Conferência Informativa que ocorreu no Centro de Conferências da Mocidade em Noverosa, Holanda, em março de 2011, participaram cerca de 65 jovens com idade inferior a 30 anos. Jovens alunos, Membros ou de alguma outra forma ligados à Rosa-Cruz. Nos serviços, nas exposições e estandes de informações eles procuravam aprofundar seus conhecimentos tanto no aspecto espiritual como filosófico, além de procurar soluções de ordem prática para problemas na senda e na vida diária em sociedade. Portanto, não se tratava apenas de filosofia, mas também de temas práticos. Um dos temas, como mostra o relato abaixo, abordou a espiritualidade e a identidade.

Nos estandes de informações ocorreram diálogos dinâmicos nos quais tiveram a palavra especialmente os mais jovens. Nas oito rodadas de discussão com cerca de oito participantes jovens cada uma, o tema central foi “identidade espiritual”.

O objetivo era sempre triplo:

- O que é identidade? O que entendemos por esse conceito? Somos ou temos uma identidade?
- A procura por uma identidade. Dizem que isso é válido para jovens e adolescentes. Porém será que os mais velhos já encontraram sua identidade?
- Aprofundamento do tema pelo intercâmbio de ideias sobre um antigo símbolo gnóstico que, por meio de sua simplicidade, pode elucidar muito bem a complexidade desse conceito.

Assim havia sido planejado. Mas, logo de início, ficou claro que o grupo todo já possuía amplos pontos de vista sobre o conceito de identidade. Provavelmente isso também se deve ao fato de que alguns jovens já estejam habituados a participar e refletir ativamente sobre esse tema e outros similares, no âmbito das atividades da Escola Espiritual. Vivenciar esse conhecimento foi impressionante.

Ficou evidente que, de alguma forma, temos determinada identidade, o que já se comprova pelo documento que precisamos trazer sempre conosco. Por meio dele somos únicos e legiti-

mos. Mas isso não é algo que somos, e, sim, algo que possuímos. Como enquadrar aí as noções de “personalidade” e “eu”? Conforme definiram os participantes, personalidade é um papel que se pode desempenhar, uma máscara que se pode trocar de acordo com o ambiente, a atmosfera e o objetivo. Também podemos retocar essa personalidade, e isso mostra que ela não é o aspecto mais interior e essencial do nosso ser. É, portanto, algo ou alguém dentro de nós, um “motivador”, por assim dizer, que consegue cogerir e alterar nossa aparência exterior. Por esse motivo, nosso interior mais recôndito sempre foi considerado um dos aspectos mais importantes da nossa “verdadeira” identidade, junto ao ser único e autônomo. É o momento em que nos defrontamos com a realidade, pois o que vemos quando observamos a nós mesmos com mais exatidão? Essa é uma pergunta que, certamente, não diz respeito apenas aos mais jovens. Estamos todos ocupados, acima de tudo, com o que é externo, com o que vemos e como somos vistos. São, sobretudo, os órgãos sensoriais, os nossos próprios e os dos que estão ao nosso redor, que aí estão empenhados. Afinal, o que significa “interior”? De nossa identidade requeremos justamente coisas que não são únicas. Temos uma nacionalidade, um sexo, uma crença. Pertencemos a um grupo, por exemplo, de companheiros de nossa faixa etária, e também esperamos ser aceitos por eles. O que é único, afinal? Em que se fundamenta nossa escolha? Com frequência escolhemos o que desejam nossos

*Porque quem não existe também não tem nome.
Que nome poder-se-ia dar a quem sequer existe?*

[...]

*O Filho recebeu o nome
não como os outros,
por empréstimo,
nem como aqueles que obtêm diversos corpos
uns dos outros,
mas é o seu verdadeiro nome.
Nenhum outro o deu a Ele,
e ele era Inefável e Impronunciável
até o momento em que o Perfeito o pronunciou.
E somente o Filho
é quem pode pronunciar o Nome do Pai
e ver o Pai.
Quando agradou ao Pai pronunciar o Nome,
o Nome que é seu Filho,
e quando deu o Nome a Ele,
que é das profundezas,
este [o Filho] falou a respeito do oculto [do Pai],
porque Ele sabia que,
no Pai, não há maldade.*

○ Evangelho da Verdade

pais ou a família, nossos amigos, professores ou a sociedade. Aceitamos a imagem que outros têm de nós e correspondemos às expectativas do nosso meio. O que é, então, autônomo? Acaso escolhemos alguma vez com base em nosso próprio ser mais profundo e essencial? Após um pouco de reflexão foi constatado que as características de uma verdadeira identidade, ou seja, da identidade interior, única e autônoma, não obtêm muita atenção de nossa parte. Isso suscitou a pergunta: queremos realmente ser uma identidade ou é suficiente para nós ter uma identidade? Encontrar a si mesmo, ser e permanecer autêntico e, conseqüentemente, fechar a porta para todos os “outros” que pudéssemos ser, seria isso então o fim da busca pela nossa identidade? “A maior de todas as lições é conhecer a si mesmo, pois quem conhece a si mesmo conhece Deus”, escreveu Clemente de Alexandria, um dos primeiros padres da Igreja fortemente influenciado pela Gnosis. Isso nos leva à perguntas colocadas pelos mais jovens aos orientadores: será que aqueles que já passaram dos 30 anos de idade já encontraram sua identidade ou ainda estão à procura dela? Ou teriam abandonado a procura prematuramente?

Essas questões ficaram em aberto porque os orientadores presentes naquele final de semana não puderam prever respostas totalmente satisfatórias.

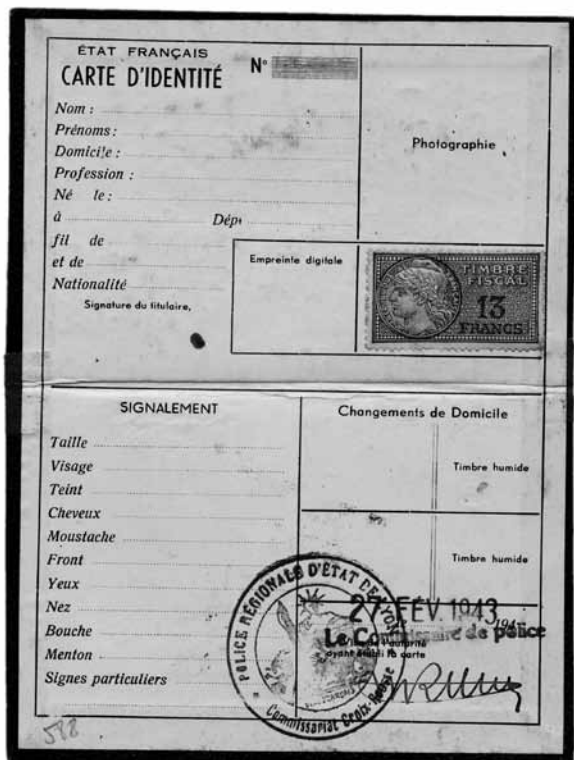
Talvez a salvação estivesse na terceira parte do tema, ou seja, no símbolo que os primeiros gnósticos cristãos apresentavam para tais perguntas: podemos imaginar um homem como um círculo com um centro, bem como um raio que interliga esse centro e a circunferência. O contorno, o lado externo, representa o corpo físico, o eu exterior. O raio é, portanto, a nossa alma, a psique, a camada mais profunda de nosso ser. No centro está o essencial, denominado *pneuma*, ou espírito. Esse centro é também denominado consciência.

No Evangelho de Tomé, diz Jesus: “Quero dar-vos o que jamais um olho viu, ou um ouvido ouviu, uma mão tocou e que jamais se elevou ao coração do homem”.

E Paulo diz a Jesus: “Tu és a minha consciência”.

Hermes esclarece: “O que em ti olha e ouve é o Verbo do Senhor. É a consciência de Deus, o Pai”.

Assim podemos considerar a alma como a faculdade de se identificar com algo, um ponto no raio que se situa entre o centro e a circunferência. Essa faculdade, essa parte do nosso ser, pode identificar-se tanto com o contorno do círculo, o aspecto externo, como com o centro. E em cada um de nós essa



faculdade encontra-se em algum ponto entre esses dois extremos. Conseqüentemente essa procura pela identidade tem dois lados. No lado externo encontramos muitos papéis, e a procura pode prosseguir indefinidamente até outro ponto da circunferência. Na realidade, uma procura pelo interno só pode partir de um ponto: do Espírito, do divino.

Como vemos a nós mesmos? Somos um corpo, uma manifestação em que existe uma alma, a qual está ligada de forma embrionária ao Espírito ou à centelha-do-espírito? Ou somos consciências que podem reunir experiências por meio da alma? A alma dispõe de um corpo transitório por meio do qual as percepções sensoriais tornam-se possíveis. Com que imagem do homem nós mesmos nos identificamos? Conseguimos reconhecer-nos novamente nessa faculdade de identificação? Quanto mais nossa consciência voltar-se para o centro, mais saberemos sobre a autonomia, a singularidade, o essencial.

Hermes diz: “Nascestes, ó alma, de certo tronco e desse tronco és um ramo. Por mais afastado do tronco que o ramo esteja sempre haverá

uma ligação ou um ponto de contato entre o tronco e o ramo. Tu recebes teu alimento do tronco. Se alguma coisa se interpõe entre o tronco e o ramo, a ligação e a nutrição são interrompidas e o ramo secará e morrerá. Reflete sobre isso, ó alma, e comprova em ti mesma que estás destinada a retornar ao Criador. Ele é o tronco de onde crescestes”.

Hermes sempre se dirige a nós como almas. Se o entendermos desse modo, existem conosco muitos ramos dessa árvore. Todos eles são membros do Corpo de Cristo. Todos são raios de luz que partem do Redentor. Dessa forma podemos também ampliar o símbolo mencionado, compreendendo-o como uma roda cujos incontáveis raios circundam um eixo central, um tronco. A humanidade consiste nesse centro de consciência a partir do qual ou dentro do qual se produz a experiência através de muitos raios e igualmente em muitos corpos. E os mais jovens expressaram a compreensão de que nossa identidade espiritual está em concordância com a identidade essencial de todas as outras almas. Aí está a promessa do que é universal, do que é idêntico em cada identidade. Podemos ultrapassar a consciência do indivíduo? “Estado de consciência é estado de vida.” Como é verdadeiro e profundo o sentido desse axioma! Os grão-mestres sempre chamaram atenção para ele.

Como conservamos o conhecimento? No resultado dos três aspectos do nosso ser, na identidade espiritual que somos, na faculdade de identificação da alma que às vezes experimentamos e na identidade externa que possuímos.



Ficou comprovado que iluminação é a fusão de nossa faculdade de identificação com o núcleo espiritual. Desse núcleo espiritual parte constantemente a luz, a vibração que penetra todo o nosso ser.

Ah, se conseguíssemos tomar consciência dessa verdade sem os desvios de nossos órgãos dos sentidos! Isso é descrito, de forma tão bela, como alento ou aroma do Pai, por Valentino, no Evangelho da Verdade: “Quando Ele se introduz na matéria, transmite seu aroma à luz e, em seu repouso, supera a toda forma e a todo som. Porque não são os ouvidos que sentem o aroma, mas o Espírito o atrai para si pelo olfato e submerge no perfume do Pai. Este o atrai para sua proteção, alçando-o para o lugar de onde proveio. Porquanto originalmente ele veio do perfume [do Pai], [ele era parte do perfume do Pai]. No entanto, posteriormente essa parte arrefeceu. E, assim, tornou-se uma forma anímica como água fria [que congela].

A água, então, torna-se sólida como cristal, mas, na realidade, não é sólida. Quem a vê assim julga que ela provém de cristais resistentes. Porém ela poderá fluir novamente. Porque, se uma corrente de ar [cálido] a atingir, ela se aquecerá. Do mesmo modo os aromas frios [congelados] provêm do afastamento de Deus. Eis por que Deus veio para revogar a separação. Ele trouxe a cálida plenitude do amor para que a frieza desaparecesse, dando lugar à unidade do pensar perfeito. [...] Porém, quando o Pai veio para conduzir de volta o que estava perdido, o impotente e decaído reergueu-se e encontrou o Pai. Esse é o retorno que é denominado arrependimento.” ☸

Bibliografia:

Trismegisto, H. *Do Castigo da Alma*. Jarinu: Rosacruz, 2004, p. 27
O Evangelho da Verdade in *O conhecimento que ilumina*. Jarinu: Rosacruz, 2005, p.41-42



RESENHA DE LIVRO: O NUCTEMERON DE APOLÔNIO DE TIANA

as doze horas da **libertação**

Em seus comentários, J. van Rijckenborgh faz brilhar com todo esplendor os textos, à primeira vista difíceis de compreender, de Apolônio de Tiana. A luz que eles conseguem espargir é tal que nada se perdeu de sua intensidade até os dias de hoje. Essa luz eterna manifesta-se no microcosmo em doze fases ou doze horas. Como introdução às explicações que seguem, transcrevemos essas doze horas da mesma forma que J. van Rijckenborgh apresentou em seu livro *O Nuctemeron de Apolônio de Tiana*.

Primera Hora: “Na unidade os demônios entoam louvor a Deus; eles perdem a maldade e a ira”.

Quem deseja trilhar a senda da Gnosis universal entra, na Primeira Hora, no caminho joanino da preparação. O que deve ser preparado? Nosso microcosmo contém tensões magnéticas latentes, que formam nosso campo de respiração particular. São os impulsos do subconsciente, que designamos como diabólicos ou pecaminosos. Assim, vivemos de dois egos: o da razão e o da força primordial. Devemos então aceitar esse fato e, a seguir, evocar as forças curadoras da Gnosis. Então, as novas forças atacam a complexidade e levarão ao autoconhecimento, à confrontação entre o consciente e o subconsciente. Assim o homem vence o autodesprezo, porque exa-

minar a causa é fazê-la desaparecer. Então a salvação gnóstica penetra o microcosmo, e a desarmonia transforma-se em harmonia. As oposições perdem a maldade e a ira. O leitor compreenderá que essa “tarefa da Primeira Hora” exige do homem um trabalho profundo e radical em si mesmo, antes que seus antigos demônios possam entoar louvor a Deus.

Segunda Hora: “Mediante a dualidade, os peixes do zodíaco entoam louvor a Deus, as serpentes ígneas entrelaçam-se em torno do caduceu, e o relâmpago torna-se harmonioso”.

Durante a Primeira Hora, o homem libertou-se para seguir a senda. Segue-se agora a confrontação com o grande mundo astral: o poder da dualidade, o jogo das alternâncias.



Sem ter obtido a vitória na Primeira Hora é impossível prosseguir.

Agora o homem deve desenvolver o método que consiste em equilibrar os opostos da natureza a fim de abrir uma passagem através do Mar Vermelho do nascimento sideral. Os dois peixes do zodíaco representam o homem divino e o homem ligado à natureza. Dois opostos que devem fundir-se, na neutralidade da cruz, que é o amor divino. Para isso, nenhuma coíça deve ser inflamada no caduceu. A única atividade que emana do candidato, que surge de sua orientação para o mundo da alma, é o amor: os peixes entoam louvor a Deus.

O fato de todas as tensões magnéticas terem desaparecido durante a Primeira Hora permite que o candidato atravesse, incólume, o fogo sideral. Sua intensa aspiração pelo homem divino é um incessante canto de louvor que provoca o autoesvaziamento. Então, as serpentes ígneas entrelaçam-se em torno do caduceu. Graças a essa profunda mudança na coluna do fogo serpentino, a clara luz da serena flama irradia e alimenta harmoniosamente todo o ser. Essa é a harmonia interior. É também na Segunda Hora que se vê quão imensa pode ser a transformação do candidato. Ela precisa acontecer, se ele quiser progredir na senda.

Terceira Hora: “As serpentes do caduceu de Hermes entrelaçam-se três vezes, Cérbero escancara suas três bocarras, e o fogo entoa

louvor a Deus mediante as três línguas do relâmpago”.

Quando, graças à ausência de desejos, a serena flama se instalou no homem, este torna-se um obreiro a serviço da luz. Para isso, é preciso forjar uma espada: o caduceu, a coluna do fogo espiritual. Armado desse novo fogo, ele começa a luta contra Cérbero, o cão infernal. A lenda diz que, para atravessar o Estige, o rio que separa este mundo do mundo infernal, é preciso possuir o caduceu de Mercúrio. A força da espada confronta a serpente alojada no ser aural, o espelho do passado que se manifesta no caduceu. A nova força pode neutralizar a serpente e fazer desaparecer do campo de respiração todos os demônios e formas grotescas. Cérbero é o guardião do umbral do microcosmo. Como atravessar esse umbral? Libertando-se de todas as ansiedades, inquietudes e medos, inclusive o de perder a Gnosis, pois esse medo leva ao fanatismo. A Segunda Hora ensina como levar, com tranquilidade interior, a cruz do amor. Enquanto isso não for alcançado, Cérbero barra a passagem. Aqui, não se trata de coragem cultivada! Um dos aspectos de Cérbero é o dogma. Qualquer doutrina tem um aspecto dogmático.

Libertando-se de todas as ansiedades, inquietudes e medos, inclusive o de perder a Gnosis, pois esse medo pode levar ao fanatismo

Esse dogmatismo constitui uma armadilha teológica pela qual Cérbero se encarrega de asfixiar o candidato. Essa é a armadilha da teologia. Cérbero representa os instintos dogmáticos do passado. Para libertar-se dele, é indispensável colocar em execução o que foi aprendido, realizando-o por meio de ações puras.

Quarta Hora: “Na Quarta Hora a alma regressa da visita aos túmulos. É o momento em que as lanternas mágicas são acesas nos quatro cantos dos círculos. É a hora dos sortilégios e das ilusões”.

Na Terceira Hora, os perigos do medo, do dogmatismo e dos ídolos – as três bocarras de Cérbero – foram neutralizados pelas três línguas do relâmpago, a força triplíce do caduceu renovado. Na Quarta Hora, o homem tem de mostrar que agora está preparado para percorrer o caminho mágico. Assim equipado, ele pode caminhar, tomar decisões, aprender a empregar as novas faculdades, a ultrapassar as dificuldades e a inexperiência do estágio inicial.

A alma deve retornar de sua visita aos túmulos: o nosso mundo, tão cheio de distrações. Para isso, quatro lanternas são necessárias, a fim de neutralizar os quatro sortilégios e ilusões, que são: a imitação, por meio da mistura da verdade com a mentira; o veneno das falsas doutrinas; o amor ao mundo ilusório, a dialética; a ação desligada da razão elevada. Permanecendo sobre o quadrado mágico do tapete dos rosa-cruzes, o candidato pode

alcançar a vitória. Seus quatro aspectos são: unidade de grupo, orientação inequívoca, ausência de luta e harmonia em todas as expressões de vida. Para isso é necessário aplicar a razão pura, a vontade pura, o sentimento puro, a ação pura.

Portanto, trata-se de manter acesas essas quatro lanternas durante a viagem da alma através dos quatro círculos da natureza da morte, desde a visita aos túmulos até o retorno.

Quinta Hora: “A voz das grandes águas entoia louvor ao Deus das esferas celestiais”.

Essa é a hora da vitória, da libertação completa. A voz das grandes águas é o som primordial do universo, o A-E-I-O-U dos cátares. Cinco vogais fecham o passado e abrem as fronteiras de um novo futuro. A voz das grandes águas traz a paz. Agora que as forças gêmeas foram vencidas, ela traz o vácuo do novo estado de alma.

Sexta Hora: “O espírito permanece impassível; ele vê os monstros infernais que marcham contra si e está sem medo”.

Passada a Quinta Hora, a da vitória, o homem dotado de novas forças, livre e “sem medo”, permanece no mundo, mas já não pertence a ele. Seu espírito permanece impassível. Isso não significa que o candidato queira escapar do mundo, mas que ele executa uma tarefa a serviço da luz universal: o sacerdócio-real. Quem verdadeiramente quer ajudar uma criatura deve conhecer as

A partir da Oitava Hora, o homem pode colaborar, com o poder radiante do amor, para transformar o sofrimento em paz

causas profundas de sua vida. Seu fundamento é uma ciência de radiações: que forças, ou “monstros infernais”, dominam o homem? Esse conhecimento dos mistérios é oferecido aos servidores da Sexta Hora.

Sétima Hora: “Um fogo que dá vida a todos os seres animados é dirigido pela vontade de seres humanos puros. O iniciado estende a mão, e o grande sofrimento transforma-se em paz”.

Após a purificação do campo de respiração, o homem está livre e já não é prisioneiro da teia do destino. Ele dispõe agora de suas faculdades originais e estabeleceu ligação com outro universo – o universo sanador. Ele encontra-se em uma força ígnea que sua vontade purificada se tornou apta a dirigir. Ele está pronto para a Oitava Hora. De agora em diante, ele pode colaborar com o poder radiante do amor para transformar o sofrimento em paz.

Oitava Hora: “As estrelas conversam entre si. A alma dos sóis responde ao suspiro das flores. Correntes de harmonia interligam todos os seres da natureza”.

No decurso da Sétima Hora, o homem sacerdotal foi preenchido pelo Espírito sanador. Ele compreende do imo a linguagem das estrelas, a linguagem das radiações, e tem condição de “provar se os espíritos são de Deus”. Ele vê a rosa no coração. Ele vê a “flor áurea maravilhosa”, o novo e puro centro da consciência no santuário da cabeça. Ele sonda a causa

profunda do sofrimento e, com a plenitude da radiação da força do Santo Graal ativa em si, pode trabalhar para curar a rosa-do-coração plena de aspiração do homem buscador.

“A alma dos sóis responde aos suspiros das flores.” Assim, unidos pela corrente do amor universal, todos ingressam em uma nova harmonia universal.

Nona Hora: “O número que não deve ser revelado”.

O número 9 está ligado à região astral. Quem não é capaz de distinguir as antigas forças astrais terrestres das novas forças astrais celestes (provenientes do “Jardim dos Deuses”) permanece exposto a mistificações e à anarquia das forças gêmeas da dialética. O número 9 somente pode ser revelado à nova alma. Ao todo, sete segredos lhe são desvelados na Nona Hora. O homem começa a atacar a fonte do caos e do desespero e faz tudo o que está a seu alcance para reconduzir a humanidade desgarrada ao lar, ao ponto de partida: o mundo da alma.

Décima Hora: “A chave do ciclo astronômico e do movimento circular da vida do ser humano”.

A Nona Hora demonstrou que o mago gnóstico possui uma chave que pode abrir todas as prisões. O número 10 anuncia um novo ciclo, uma nova perspectiva cósmica. Os éons são, em si mesmos, forças neutras; é o homem como alquimista ignorante, que os conduz à

maldade. Essa é a razão da interdição do “comer da árvore do conhecimento do bem e do mal”. Agora vivemos em uma região cósmica em que o bem e o mal foram desencadeados. Nela as chamas da desarmonia provocaram uma reação degenerativa em cadeia que faz o homem oscilar para lá e para cá, entre o bem e o mal.

Para ele foi criada uma ordem de emergência: o mundo material. Quem sabe manejar a chave da Décima Hora tem consciência de que toda entidade nesse estado de queda terminará por elevar-se outra vez à luz universal. Ele devota-se a essa tarefa.

Undécima Hora: “As asas dos gênios movimentam-se com misterioso rumorejar. Eles voam de esfera a esfera e levam de mundo a mundo as mensagens de Deus”.

O obreiro iniciado da Décima Hora recebe a chave do ciclo astronômico e do movimento circular da vida do ser humano. Essas forças e possibilidades, com as quais é permitido ao mago gnóstico trabalhar, são chamadas “as asas dos gênios”. Ele submete o fogo astral à sua vontade e é capaz de utilizar a força pura de Abraxas como panaceia, estendendo-a como asas protetoras sobre a humanidade.

Duodécima Hora: “Aqui se realizam, pelo fogo, as obras da luz eterna”.

Os gênios alados da Undécima Hora, os iniciados excelsos, venceram os obstáculos astrais planetários. E o *Nuctemeron* termina em júbilo:

aqui se realizam as obras da luz eterna, a prática da lei universal do amor, que salva o que está perdido. No entanto, o mago gnóstico não perderá de vista os perigos que espreitam sua obra, a fim de:

- não cair em situações inextricáveis;
- não deixar-se prender pelas resistências que suscitou.

As quatro forças da graça servem-lhe de guia no meio dos perigos:

- a Gnosis garante a impossibilidade de profanação;
- a participação na comunidade das almas dá-lhe forças;
- ele tem o poder de distinguir os espíritos,
- ele possui o poder da invencibilidade absoluta.

Assim se realizam pelo fogo as obras da luz eterna.

Que fique bem claro que o livro *O Nuctemeron de Apolônio de Tiana* contém um método, um caminho que conduz à perfeita libertação.

Convidamos o leitor a ultrapassar esta resenha sucinta e a imergir na obra de J. van Rijckenborgh, a fim de aprofundar-se nas perspectivas grandiosas do caminho que ele desvela ✪

Rijckenborgh, J. van. *O Nuctemeron de Apolônio de Tiana*. 4. ed. Jarinu: Lectorium Rosicrucianum, 2011.

a vida de apolônio de tiana

Quando surgem momentos críticos no desenvolvimento da humanidade, grandes sábios aparecem neste mundo, como emissários. Um desses emissários foi o filósofo neopitagórico Apolônio, originário de Tiana, cidade da Capadócia (na Turquia). Ele viveu do ano 2 a.C. até o ano 98 d.C. O escrevente greco-romano Filóstrato redigiu sua biografia.

A missão quase impossível desses sábios consiste em lembrar aos homens sua origem divina e a convencê-los a informar-se a esse respeito. Levando uma vida pura e santa, eles conseguem demonstrar como as forças da natureza superior agem sobre o nosso mundo, de sorte que os mortais possam sentir novamente seus efeitos libertadores: salvar outros e, dessa maneira, salvar a si mesmos, tal é o método “mágico”. Aliados da natureza, eles sabem ler nela os sinais propícios.

Sobre Jesus, é dito que ele podia andar sobre as águas, que ressuscitou após ter sido crucificado, que curava os doentes dando-lhes conselhos extraordinários. Se a vida de Jesus é simbólica e inspiradora para todos os que sentem vibrar em si a vida original, parece que Apolônio realizou milagres.

Quem foi Apolônio de Tiana?

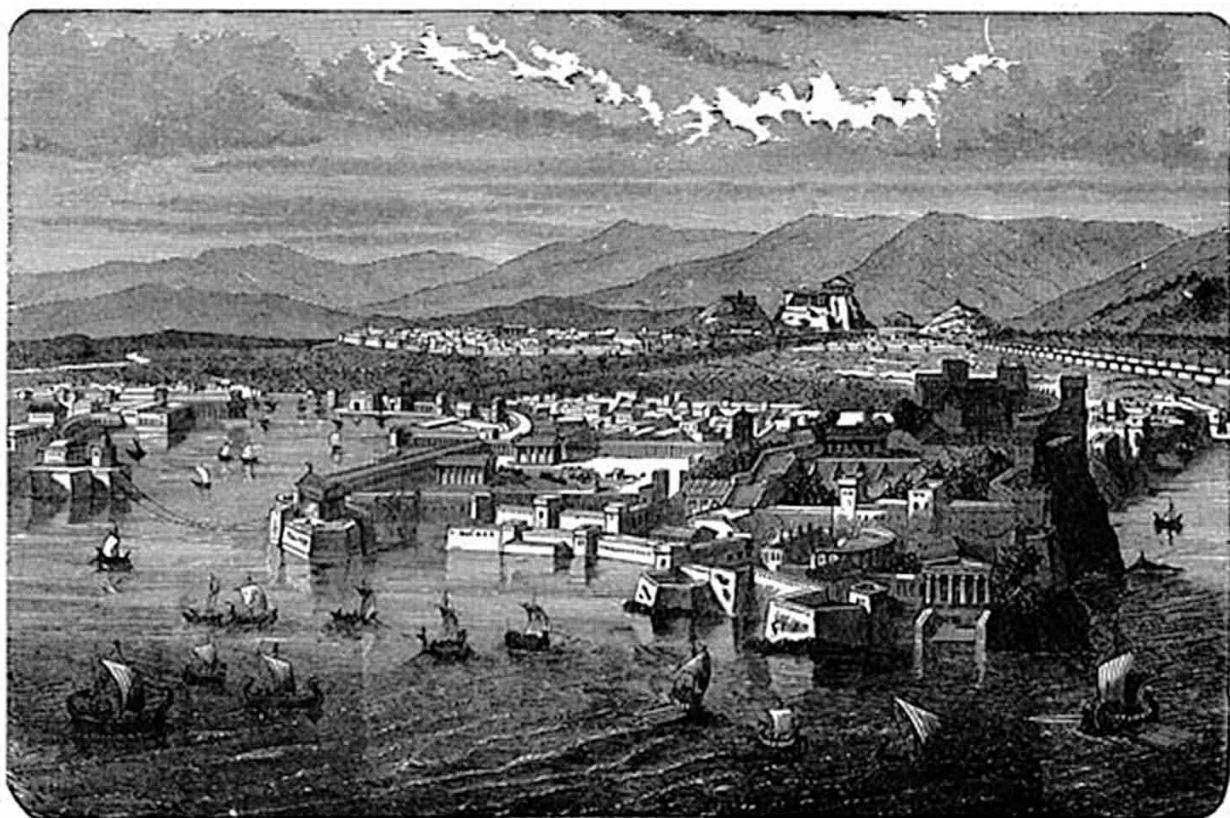
Sua biografia foi redigida no século II, mas sua história, infelizmente, apagou-se no decorrer do tempo, e isso principalmente devido à ação destruidora de um prelado fanático e ambicioso: Eusébio de Cesareia.

No início do século IV, Apolônio possuía ainda grande popularidade. Mas o bispo acima mencionado, achando que só um messias era suficiente, esforçou-se para difamá-lo, fazendo de sua vida e seus atos excepcionais uma simples fábula. Tudo foi feito para apagar da memória coletiva a existência de Apolônio de Tiana. Quase todos os documentos a seu respeito perderam-se ou foram destruídos, com

exceção de uma parte de sua correspondência com os imperadores, cônsules e filósofos de seu tempo, assim como o diário e as notas de Dâmis, aluno fiel que Apolônio encontrou no decorrer de suas viagens à Mesopotâmia. Foram essas últimas informações que Filóstrato utilizou para redigir sua biografia.

SUA BIOGRAFIA Devemos essa biografia a Júlia Domna (esposa do imperador romano Sétimo Severo, que reinou de 193 até 211). Essa mulher, ávida de instrução em filosofia, enviou a Filóstrato o pedido para redigir a biografia de Apolônio, com base em um grande número de documentos que ela pôde obter de um parente de Dâmis, com o objetivo de fazer um livro fácil de ser lido. Foi baseado nesses documentos que Flávio Filóstrato, autor e filósofo grego conhecido, redigiu uma nova biografia de Apolônio, mais ou menos um século após sua suposta morte. Esses documentos dizem que Apolônio nasceu no sudeste da Turquia, entre os anos 4 a.C. e 2 d.C., na pequena aldeia chamada Tiana, na base dos montes Tauro. Antes do seu nascimento, sua mãe teve uma visão: Proteu, um dos filhos de Poseidon, anunciou a ela que ele mesmo seria seu filho.

Assim como a história do nascimento de Jesus ou de Buda, a vinda de Apolônio é cercada por numerosas lendas. Uma delas conta que, tendo sua mãe adormecido em um prado, cisnes voaram em círculo à sua volta, e que no momento do nascimento eles fizeram grande



Atenas, vista do Pireu, no tempo de Apolônio de Tiana (Ilustração do século XIX)

alarido, enquanto um raio semelhante a um relâmpago caiu do céu e para ele retornou. O pássaro é o símbolo universal do mundo puro do Espírito e de sua ação no decorrer dos grandes períodos cíclicos. Nesse sentido, os cisnes anunciam o início de uma nova era. O clarão é o reflexo da grande força cósmica que acompanha a encarnação do enviado

esperado há muito tempo. O nascimento de Apolônio em nosso mundo é descrito de maneira fantástica, pouco realista. Ele se apresenta, nesse aspecto, semelhante a outros nascimentos notáveis como de Gautama Buda ou de Jesus, o Senhor. Se sabemos com certeza que ele é chamado Apolônio de Tiana, ninguém sabe ao certo o lugar e a data em



Mosaico mural da época romana com representação de Netuno e de Anfitrite (Herculano, Sul da Itália)

que nasceu. A incerteza é maior ainda no que se refere ao lugar e à data de seu falecimento. O pouco que ainda podemos extrair das notas de Dâmis é que Apolônio teria também tido o nome de Euforbo e ainda era jovem quando entrou no Templo de Asclépio no Egeu

(Macedônia), onde estudou medicina. Nessa época, os templos eram lugares de terapia comparáveis aos hospitais de nossos dias, com a diferença de que lá se dava muito mais valor à alma, o que as práticas médicas atuais não fazem.

“Avante, Apolônio, tu segues a Deus, e eu te sigo”

Após seus estudos e o falecimento do pai, Apolônio atravessou a Panfília e a Cilícia, onde melhorou a vida da população local. Um dia, seu antigo mestre, Euxeno, lhe perguntou: “Por que um pensador nobre como vós, que possuís um domínio tão refinado da linguagem e do sentimento, ainda não escreveu um livro?” Apolônio respondeu: “Porque ainda não aprendi a calar-me”. Desde esse instante, ele guardou silêncio durante cinco anos. A caminho da Índia, em busca dos sábios que lá viviam, ele encontrou em Nínive (atual Bagdá) seu futuro discípulo e biógrafo Dâmis. Este, muito impressionado com Apolônio, lhe disse: “Avante, Apolônio, tu segues a Deus, e eu te sigo.” No decorrer de suas viagens, Dâmis aprendeu muito sobre filosofia e os países percorridos, mas principalmente sobre o próprio Apolônio e sobre seu modo de vida simples. Na Mesopotâmia, eles foram conduzidos ao escritório de um funcionário aduaneiro para serem interrogados a respeito de suas bagagens. Apolônio declarou: “Eu carrego a medida, a justiça, a virtude, a temperança, a modéstia, a coragem e a disciplina.” Ignora-se se Apolônio enumerou de maneira intencional essas palavras, todas no gênero feminino (Justiça, Prudência, Temperança...), mas o funcionário, prevendo a vantagem fiscal, disse-lhe: “É preciso que vós inscrevais em vossa contabilidade essas mulheres escravas.” Apolônio respondeu: “É impossível, pois não são mulheres escravas que trago comigo, mas sim nobres damas”.

Por ocasião de uma de suas visitas aos numerosos soberanos, o sábio de Tiana foi convidado, como era frequente, a participar nos sacrifícios aos deuses – práticas às quais ele se negava a assistir o máximo possível. Desculpando-se, ele se retirou, dizendo: “Ó rei, continuai a fazer as oferendas conforme entendeis, mas permiti-me fazê-las à minha maneira”. Depois pegando um punhado de incenso, disse: “Ó Sol, envia-me pelo mundo tão longe quanto parecer bom para mim e para ti. Que eu possa encontrar homens bons e jamais ouvir falar dos malvados, nem eles de mim!” Após essas palavras, Apolônio jogou o incenso no fogo e afastou-se do rei. Ele se recusava a assistir aos sacrifícios sangüinários. Seus encontros com os sábios da Índia são fascinantes. Apolônio recebeu deles instruções e ensinamentos tendo em vista sua grande missão: guiar o Império romano e, se possível, impedir sua rápida degenerescência, pois alguns imperadores cruéis e seus esbirros abandonavam-se sem restrições à prática da magia negra. Somente Apolônio estava capacitado para cumprir essa missão. Entretanto, dois imperadores o acusaram de traição: Nero (54 a 68 d.C.) e Domiciano (81 a 96 d.C.). Foi por milagre que Apolônio escapou de uma condenação.

Em Éfeso, Apolônio fundou uma escola onde permaneceu até a morte, mais ou menos na idade de cem anos. Filóstrato intensifica o mistério em torno da vida de seu herói,

“Ninguém morre, a não ser em aparência, assim como ninguém nasce: é somente em aparência.”

escrevendo: “No que se refere à sua morte, ou se ele já teria falecido, os testemunhos variam”.

UMA CARTA DE APOLÔNIO Além das notas de Dâmis, Filóstrato possuía em seu poder algumas cartas de Apolônio que também testemunham sua grande sabedoria. Em uma delas, em tom filosófico, Apolônio tenta consolar Valério Asiático, cônsul no ano de 70, tornando-lhe suportável a perda do filho: “Ninguém morre, a não ser em aparência, assim como ninguém nasce: é somente em aparência. Com efeito, a passagem da essência para a substância, eis o que nós denominamos nascer; e o que denominamos morrer é, ao contrário, a passagem da substância para a essência. Na realidade, nada nasce e nada morre; mas tudo aparece primeiro, para em seguida tornar-se invisível: esse primeiro efeito é produzido pela densidade da matéria, o segundo pela sutilidade da essência que permanece sempre idêntica a si mesma, mas que está ora em movimento, ora em repouso, um vir-a-ser contínuo. Ela tem a mesma propriedade em sua mudança de estado, pois essa mudança não provém do exterior: o todo se subdivide em suas partes ou partes se reúnem num todo. O conjunto é sempre um. Talvez alguém diga: O que é algo que ora é visível e ora invisível, e se compõe dos mesmos elementos ou de elementos diferentes? Podemos responder: a natureza das coisas neste mundo é tal que, quando são condensadas, elas se manifestam em razão da resistência de sua massa; ao contrário,

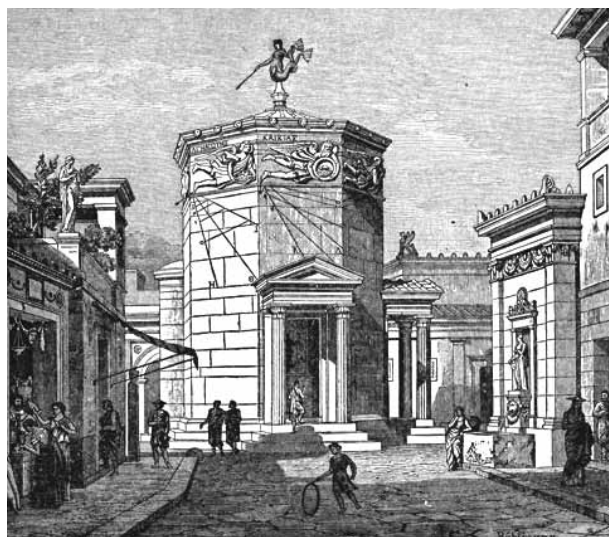


Imagem de Atenas antiga com o *Horologion* ou “A Torre dos Ventos” construída em 50 a.C.

quando elas são espaciais, sua sutilidade as torna invisíveis; a matéria é necessariamente concentrada ou expandida fora do vaso eterno que a contém, mas ela nem nasce nem morre. Como um erro tão grosseiro como esse pôde subsistir tão longo tempo? É que algumas pessoas imaginam ter sido ativas, enquanto estavam passivas: elas não sabem que os pais são os meios e não as causas do que denominamos o nascimento das crianças, como a terra, que faz surgir de seu seio as plantas, mas não as produz. Não são os indivíduos visíveis que se modificam, mas a substância universal que se modifica em cada um deles. E essa substância, que outro nome dar-lhe senão “substância primeira”? Ela somente é. E se torna o Deus eternal de quem esquecemos o nome e a face para apenas ver os nomes e os semblantes de cada indivíduo”



Este texto baseia-se no artigo de Fred A. Pruyn, publicado no site holandês *Theosophische Verkenningen* (Explorações Teosóficas) em outubro de 2005. As fontes de todos esses artigos podem ser solicitadas à redação.



O NUCTEMERON DE APOLÔNIO DE TIANA

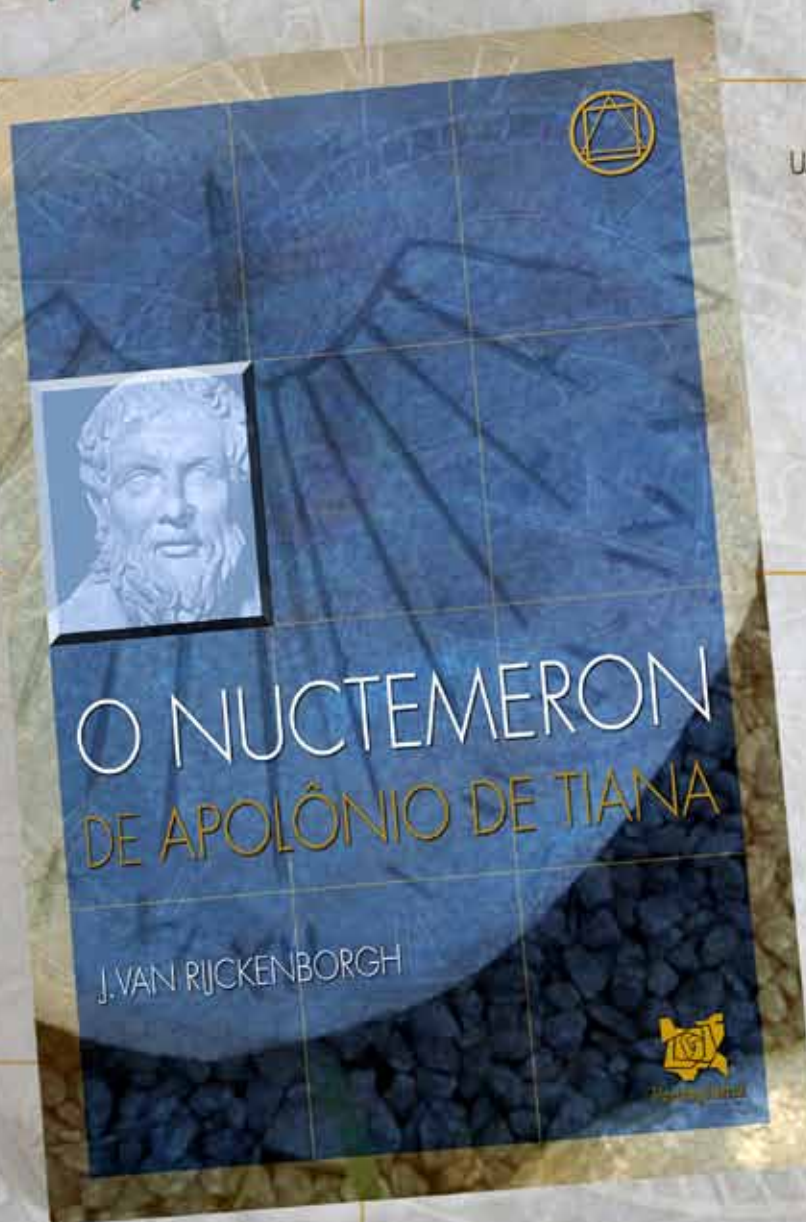
com comentários de
J. VAN RIJCKENBORGH

UMA JORNADA DAS TREVAS ATÉ A LUZ

Nuctemeron é o caminho mágico de união entre o dia e a noite, pelo caminho das horas - iniciando-se na noite escura da natureza terrena e culminando no sol do meio-dia da libertação.

Nesse livro, J. Van Rijckenborg ilumina esse conhecimento arcano em linguagem atual, possibilitando sua compreensão e realização, aqui e agora.

R\$ 40,00

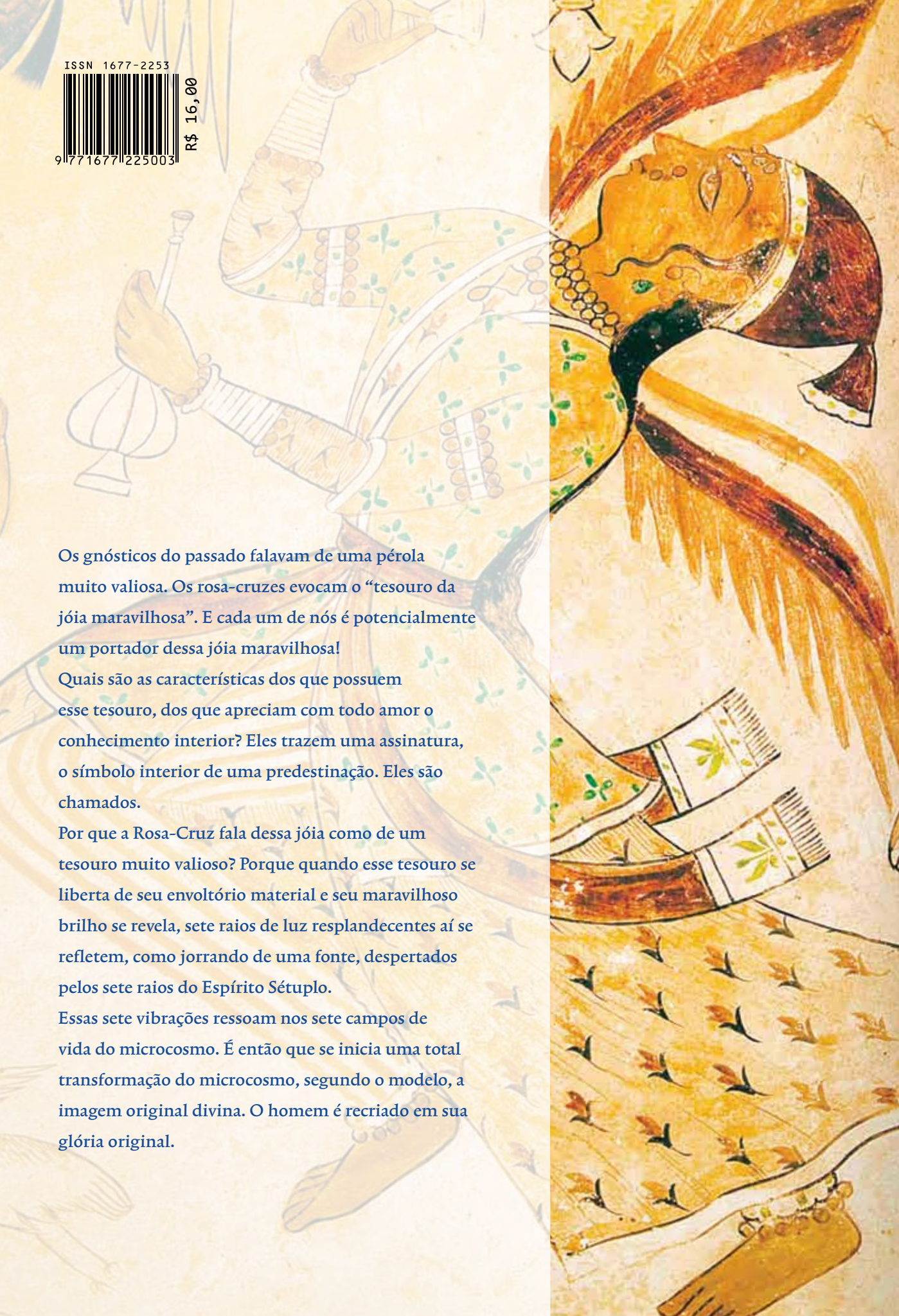


nova edição

160 págs.

ISBN 978-85-62923-03-6


Pentagrama



Os gnósticos do passado falavam de uma pérola muito valiosa. Os rosa-cruzes evocam o “tesouro da jóia maravilhosa”. E cada um de nós é potencialmente um portador dessa jóia maravilhosa!

Quais são as características dos que possuem esse tesouro, dos que apreciam com todo amor o conhecimento interior? Eles trazem uma assinatura, o símbolo interior de uma predestinação. Eles são chamados.

Por que a Rosa-Cruz fala dessa jóia como de um tesouro muito valioso? Porque quando esse tesouro se liberta de seu envoltório material e seu maravilhoso brilho se revela, sete raios de luz resplandecentes aí se refletem, como jorrando de uma fonte, despertados pelos sete raios do Espírito Sétuplo.

Essas sete vibrações ressoam nos sete campos de vida do microcosmo. É então que se inicia uma total transformação do microcosmo, segundo o modelo, a imagem original divina. O homem é recriado em sua glória original.